



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**LUCAS VINICIUS MELO SOUZA**

**MULHERES COMO LÍDERES: Pastorais Carcerárias de Serrinha-BA**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ  
2025**

**LUCAS VINICIUS MELO SOUZA**

**MULHERES COMO LÍDERES: Pastorais Carcerárias de Serrinha-BA**

Monografia apresentada ao colegiado de História do departamento de Educação/Campus XIV da Universidade da Bahia – UNEB como requisito parcial para obtenção do título de licenciado(a) em História.

Orientadora: Ma. Ediane Lopes de Santana

**CONCEIÇÃO DO COITÉ**

**2025**

**LUCAS VINICIUS MELO SOUZA**

**MULHERES COMO LÍDERES: Pastorais Carcerárias de Serrinha-BA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História sob a orientação da Professora Mestra Ediane Lopes de Santana, apresentada ao colegiado de História do Departamento de Educação/Campus XIV/UNEB como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em História.

Aprovada em:     /     /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Ediane Lopes de Santana  
(DEDC – XIV/UNEB – Orientadora)

---

Profa Dra: Ilzimar Glória Ferreira  
(DEDC – XIV/UNEB)

---

Profa Dra: Marinélia Souza da Silva  
(DEDC – XIV/UNEB)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de força, coragem e sabedoria, minha gratidão infinita. Foi Ele quem sustentou meus passos nos momentos de incerteza, iluminou meu caminho durante as dificuldades e me concedeu discernimento para seguir adiante com fé e confiança. Meus intercessores São Miguel Arcanjo, São Bento e minha (Cidinha) Nossa Senhora Aparecida.

Às mulheres da Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha, por confiarem em mim e compartilharem suas histórias, experiências e lutas com generosidade e verdade. Este trabalho é também um reflexo da força e da fé que vocês expressam todos os dias.

Agradeço profundamente a Maria Nilza (mainha), que, mesmo sem saber, foi uma das maiores incentivadoras da minha formação. Sua presença, seus gestos e sua história contribuíram imensamente para que eu chegasse até aqui. Minha gratidão por tudo o que a senhora representa e pelos feitos em minha vida.

À minha mãe Ceíça, que, mesmo à distância, sei que sempre desejou o melhor para mim, meu carinho e reconhecimento.

À minha família, pelo amor, incentivo e paciência ao longo de toda essa caminhada. Reconheço que nem todos estiveram ao meu lado, mas compreendo que a vida é assim: nem sempre teremos o apoio de todos. Ainda assim, sou grato por tudo o que aprendi nesse percurso.

À Maria Renilda (Singa), *in memoriam*, que talvez nunca tenha imaginado o quanto suas brincadeiras, ditados engraçados e tiradas espontâneas alegravam meu coração. Se eu soubesse o quanto isso faria falta, teria aproveitado e valorizado ainda mais sua presença. Essa conquista também é para você. O “seu Luca” está se formando, e a cada dia que passa compreendo com mais clareza a sua frase, que virou sua marca registrada: “*Gente nova também fica doido*”. Obrigado por me ensinar, com leveza, que o bom humor também é uma forma de resistência e uma maneira bonita de viver melhor.

Gratidão especial ao meu esposo Breno, pela compreensão, apoio e presença firme especialmente nos momentos mais desafiadores e, sobretudo, na reta final, quando sua companhia foi essencial para que eu não desistisse.

Agradeço profundamente à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) por ter sido um espaço transformador em minha trajetória acadêmica e pessoal. Foi por meio desta instituição que ampliei minha visão de mundo, resinifiquei saberes e passei a enxergar a realidade com um olhar mais crítico, sensível e comprometido com a justiça social. Sem dúvidas, a UNEB é uma instituição de ensino superior de excelência, cuja presença no Território do Sisal é de extrema importância para o desenvolvimento educacional, cultural e humano da região. Sou grato por ter feito parte dessa história.

Aos meus professores, que ao longo dos anos da graduação, me incentivaram e, de alguma forma, marcaram profundamente minha trajetória, inclusive àqueles que, mesmo com atitudes duras ou palavras desmotivadoras, contribuíram para que eu me tornasse ainda mais resiliente e determinado.

E, claro, não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, por toda paciência, sabedoria e dedicação ao longo desse percurso. “Capenguei”, enrolei, me autossabotei em muitos momentos, mas sua presença firme e compreensiva foi essencial para que eu não desistisse. Mesmo quando eu já não via mais saída, sua orientação e incentivo ao pensamento crítico e comprometido fizeram toda a diferença. Muito, muito obrigado, pró, por acreditar em mim quando eu mesmo duvidei.

E, por fim, agradeço a mim mesmo por não desistir, por continuar mesmo quando o cansaço tentou me parar, por acreditar na importância desta pesquisa e por trilhar esse caminho com coragem e determinação.

A todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

## RESUMO

Este trabalho investiga a atuação de mulheres como líderes na Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha, na Bahia, destacando suas contribuições, desafios e protagonismo dentro de um contexto marcado por desigualdades de gênero e vulnerabilidades sociais. A pesquisa, de caráter qualitativo, baseia-se em entrevistas, análise documental e observação participante, buscando compreender como essas mulheres constroem suas lideranças em um espaço tradicionalmente dominado por estruturas clericais e masculinas. O estudo revela que, apesar das barreiras institucionais e das múltiplas jornadas impostas socialmente, as mulheres lideram com sensibilidade, firmeza e compromisso, articulando fé, justiça social e acolhimento às pessoas privadas de liberdade. Em meio a um sertão historicamente marcado por exclusões, elas ressignificam a militância pastoral e afirmam seu papel como vozes proféticas na defesa da dignidade humana.

**Palavras-chave:** Gênero e Religião. Liderança Feminina. Pastoral Carcerária. Serrinha. Pessoas privadas de liberdade. Mulheres Militantes.

## **ABSTRACT**

This study investigates the role of women as leaders in the Prison Ministry of the Diocese of Serrinha, in Bahia, highlighting their contributions, challenges and protagonism within a context marked by gender inequalities and social vulnerabilities. The qualitative research is based on interviews, document analysis and participant observation, seeking to understand how these women build their leadership in a space traditionally dominated by clerical and male structures. The study reveals that, despite institutional barriers and the multiple socially imposed journeys, women lead with sensitivity, firmness and commitment, articulating faith, social justice and acceptance of people deprived of liberty. In the midst of a sertão historically marked by exclusion, they redefine pastoral militancy and affirm their role as prophetic voices in the defense of human dignity.

**Key words:** Prison Ministry. Female Leadership. Serrinha. Gender and Religion. People deprived of liberty. Activist Women.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 A PRESENÇA DA IGREJA EM SERRINHA: VOZ PROFÉTICA NO SERTÃO</b> ....	<b>13</b>
2.1 SERRINHA/BA: IDENTIDADE HISTÓRICA E RELEVÂNCIA REGIONAL NO TERRITÓRIO DO SISAL.....	13
2.2 A DIOCESE DE SERRINHA E A MISSÃO DA IGREJA NO SERTÃO: ENTRE A TRADIÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS .....	19
<b>3 AS PASTORAIS CARCERÁRIAS E A AÇÃO DAS MULHERES</b> .....	<b>32</b>
3.1 O SENTIDO DAS PASTORAIS CATÓLICAS E A LUTA PELA INSERÇÃO DAS MULHERES .....	32
3.2 PASTORAIS CARCERÁRIAS: HISTÓRIAS MARCADAS POR PRECONCEITOS, LUTA E RESISTÊNCIA.....	40
3.3 A PASTORAL CARCERÁRIA DE SERRINHA E A AÇÃO DAS MULHERES MILITANTES .....	47
3.4 AS MULHERES MILITANTES.....	55
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presença das mulheres nas organizações sociais e religiosas é histórica, ainda que frequentemente tenha sido silenciada ou invisibilizada pelas estruturas patriarcais que atravessam a sociedade e suas instituições, inclusive a Igreja. Mesmo diante das restrições impostas ao seu protagonismo, as mulheres têm desempenhado um papel central na manutenção de práticas de cuidado, resistência e transformação social, sobretudo em contextos periféricos e marcados pela marginalização.

Este trabalho, busca compreender as motivações que levam mulheres a assumirem cargos de liderança em uma pastoral frequentemente incompreendida e subestimada por diversos setores da sociedade. A Pastoral Carcerária, cuja atuação se dá diretamente em espaços de privação de liberdade, enfrenta desafios de ordem estrutural, emocional e espiritual, desenvolvendo suas ações no interior do sistema prisional brasileiro historicamente marcado pela violência, desigualdade e desumanização.

As mulheres que integram essa missão exercem uma liderança que, muitas vezes, não se traduz em poder institucional, mas em presença, escuta, cuidado e luta por justiça. Este estudo pretende evidenciar como essas lideranças femininas emergem, resistem e se afirmam, mesmo em contextos adversos, e qual o significado dessa atuação na realidade concreta da Diocese de Serrinha.

Na Diocese de Serrinha, situada no semiárido baiano, essa realidade se evidencia de forma particular. Em meio a um cenário de vulnerabilidades sociais, precariedade do sistema prisional e violação de direitos humanos, são majoritariamente as mulheres que assumem o protagonismo nas ações da Pastoral Carcerária. Elas visitam os presídios, ouvem, acolhem, denunciam e promovem ações de solidariedade e evangelização, tornando-se referências de cuidado e resistência.

Este tema foi pensado com o intuito de dar ênfase à realidade histórica e sociocultural de Serrinha, cidade marcada por fortes traços culturais, religiosos e políticos e investigar por que, apesar de não integrarem a hierarquia eclesial tradicional composta majoritariamente por homens, as mulheres ocupam, na prática, a maioria dos espaços de liderança nas pastorais. Buscando compreender suas motivações, práticas e desafios.

A elaboração desta pesquisa teve como base as contribuições de diversos

autores que abordam a memória, a cultura, a religiosidade e as dinâmicas sociais em Serrinha e em contextos correlatos. Franco (1996; 2018)<sup>1</sup> resgata a memória e a identidade serrinhense, dando ênfase especial ao papel das expressões religiosas no cotidiano local, destacando eventos tradicionais, figuras eclesiais e manifestações culturais. Lima e Maciel (2011) discutem a trajetória do Padre Nicásio, cuja atuação marcou profundamente a comunidade serrinhense e contribuiu para a organização religiosa das comunidades locais.

Além disso, Jesus (2018) apresenta um levantamento sobre as “Memórias da Ferrovia” em Serrinha, enquanto Anjos (2008) analisa a atuação e as lideranças de mulheres em pastorais. Já Guimarães e Pereira (2020) trabalham o conceito de cuidado, trazendo reflexões importantes para compreender práticas sociais contemporâneas. Guedes e Daros (2009) discutem a dupla jornada de trabalho, temática essencial para compreender a sobrecarga das mulheres em diferentes contextos.

A metodologia adotada fundamenta-se principalmente na História Oral, com base no referencial de Alberti (2005). Para a autora, “a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’, ampliando, assim, as possibilidades de interpretação do passado”<sup>2</sup>.

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, construída a partir de entrevistas, análise documental e observação participante. Foram realizadas duas entrevistas e uma terceira por meio de um questionário online, devido ao fato da entrevistada residir atualmente em outra cidade. Para preservar a identidade das participantes e garantir o sigilo das informações compartilhadas, optou-se pelo uso de

---

<sup>1</sup> Tasso Paes Franco é jornalista e escritor baiano, nascido em Serrinha, na Praça da Usina, em casarão da família ainda existente. Formado em Comunicação pela UFBA, atuou como repórter e editor em diversos jornais importantes, como *Tribuna da Bahia*, *Jornal da Bahia* e *Diário de Notícias*. Foi assessor de comunicação em órgãos públicos e empresas, além de editor do jornal *A Tarde* e criador do seu Caderno Cultural. Teve papel importante na modernização do marketing político na Bahia, destacando-se na campanha do PMDB em 1986. Fundou o jornal informatizado *Hoje* e foi diretor da Empresa Gráfica da Bahia, onde criou o selo Bahia de Literatura e reeditou a *Revista de Cultura da Bahia*. Também foi secretário de Comunicação da Prefeitura de Salvador (1997–2004). Atualmente, lidera a empresa PR-COM e atua como consultor em comunicação e marketing, com clientes de destaque como Odebrecht e Fundação Pierre Verger. Participou de cursos em Londres e Barcelona. É autor de diversos livros de crônicas, romances históricos e ensaios políticos, com destaque para *Serrinha, a Colonização Portuguesa numa cidade do Sertão da Bahia* (1996) e *Catarina Paraguaçu, a Mãe do Brasil* (2001). Mantém os sites *Bahia Já* e *Crônicas da Bahia*. Informações consta na capa do livro do próprio autor.

<sup>2</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155–202. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/358593090/Historias-dentro-da-historia>. Acesso em: 30 jun. 2025.

nomes fictícios nas entrevistas. Todas as participantes foram previamente informadas sobre os objetivos da pesquisa, seus direitos enquanto colaboradoras e a forma como os dados seriam utilizados<sup>3</sup>. Essa medida visa assegurar a confidencialidade, o respeito à privacidade e o compromisso com a ética na produção do conhecimento.

Diversos estudos têm se debruçado sobre a atuação das pastorais sociais na Igreja Católica, com ênfase nas práticas de solidariedade, justiça social e defesa dos direitos humanos. Pesquisa como a de (Silva, 2009)<sup>4</sup> aborda a importância da Pastoral Carcerária no cenário nacional, destacando seu papel na denúncia das violações de direitos no sistema prisional. Outros estudos, como os de (Costa-Chicareli, Silva, 2017)<sup>5</sup>, enfocam a dimensão teológica e pastoral das ações nas prisões.

Apesar dessas contribuições relevantes, observa-se que há pouca atenção dada especificamente ao protagonismo feminino nessas pastorais, especialmente em contextos do interior baiano, como o território da Diocese de Serrinha. Assim, este trabalho propõe-se a contribuir com os estudos sobre a Diocese de Serrinha, ao analisar a presença e a liderança de mulheres em um contexto marcado por desafios sociais, religiosos e estruturais.

Ao destacar essas vozes femininas que se levantam dentro de uma estrutura eclesial historicamente masculina, pretende-se também contribuir para a valorização das experiências de fé e militância que nascem da margem e apontam para uma Igreja mais inclusiva.

Inicialmente trata-se da presença da igreja em Serrinha, onde busca contextualizar o município de Serrinha/BA a partir de sua formação histórica, relevância regional e identidade cultural no contexto do Território do Sisal. Situada no semiárido baiano, Serrinha é marcada por uma trajetória de resistência, religiosidade popular e protagonismo social. Sua localização estratégica e sua influência política e religiosa fazem dela um ponto de referência na região.

---

<sup>3</sup> Após o esclarecimento, foi solicitado que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme exigido pelas normas éticas de pesquisas envolvendo seres humanos.

<sup>4</sup> SILVA, Bartolomeu Ferreira da. **O papel da Pastoral Carcerária, como órgão de monitoramento externo, na prevenção à tortura nos presídios da Paraíba**. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/4357>. Acesso em: 10 jun. 2025

<sup>5</sup> COSTA-CHICARELI, Semiramis; SILVA, Alessandro Soares da. A Pastoral Carcerária e a Luta por Justiça e Dignidade no Sistema Prisional Brasileiro. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 2, p. 162–194, 2017. DOI: [10.11606/issn.2237-1095.v7p162-194](https://doi.org/10.11606/issn.2237-1095.v7p162-194). Disponível em: <https://revistas.usp.br/rqpp/article/view/174584>. Acesso em: 6 jul. 2025

A seção 2.1 busca apresentar um panorama histórico e cultural da cidade, destacando os principais elementos que compõem sua identidade e sua importância regional, a fim de contextualizar o cenário onde se dá o protagonismo feminino nas ações pastorais que este trabalho analisa.

A seção 2.2 apresenta a trajetória de criação da Diocese de Serrinha, abordando seus fundamentos históricos, eclesiais e pastorais. A partir de fontes documentais, destaca-se a importância da Igreja Católica na constituição da identidade cultural e religiosa da cidade de Serrinha.

Posteriormente, trata-se especificamente sobre as pastorais carcerárias e a ação das mulheres. Inicialmente é realizada uma análise geral, mas, ao longo do texto, uma análise mais específica é conduzida para a pastoral carcerária de Serrinha.

A seção 3.1 analisa o significado das Pastorais Católicas como expressão concreta da missão evangelizadora da Igreja e, simultaneamente, como espaços de afirmação da atuação feminina. Compreendidas como ações organizadas e planejadas pelas dioceses e paróquias para responder a realidades sociais específicas, as pastorais ultrapassam o caráter assistencial, assumindo dimensões educativas, políticas e transformadoras. A partir de um recorte específico sobre a Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha, o texto evidencia como as mulheres vêm ocupando posições de liderança e exercendo um protagonismo pastoral vinculado ao cuidado, à escuta sensível e à militância pelos direitos humanos.

A seção 3.2 aborda a trajetória, os desafios e o protagonismo das mulheres na Pastoral Carcerária da Igreja Católica, com ênfase nas práticas desenvolvidas na Diocese de Serrinha. A Pastoral Carcerária, fundamentada no evangelho de Mateus (25, 36) "Estive preso e vieste me visitar", atua junto às pessoas privadas de liberdade e suas famílias. Nascida na década de 1970, em meio às transformações do Concílio Vaticano II e às repressões da ditadura militar, consolidou-se como uma das principais vozes críticas ao encarceramento em massa e à cultura punitivista.

A seção 3.3 é dedicada à atuação da Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha revela, com riqueza de detalhes, um processo marcado por sensibilidade, compromisso social e força missionária. A narrativa apresenta não apenas a história institucional da criação da Pastoral, mas também a trajetória dos agentes envolvidos, com destaque especial à figura de Dom Ottorino Assolari e de Ester. Ambos foram fundamentais para o surgimento e consolidação dessa presença da Igreja no sistema

prisional local. Mais do que uma descrição cronológica, o texto denuncia as falhas estruturais do sistema penitenciário, evidencia a negligência do Estado frente à Lei de Execução Penal e dá voz aos testemunhos de quem vive a missão “do lado de dentro dos presídios”. Nesse sentido, os depoimentos de Irmã Ester, Karla e Irmã Rita enriquecem o capítulo ao demonstrar que a fé, quando se encarna na realidade, torna-se ação concreta em defesa dos direitos humanos.

Por fim, a seção 3.4 aborda a atuação das mulheres militantes na Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha, culminando em um debate contemporâneo fundamental para as ciências sociais e humanidades: a historicidade do gênero e as formas plurais de poder. Ao mobilizar as reflexões de Joan Scott, o texto destaca que a história das mulheres não apenas busca inclusão, mas promove uma reconstrução epistemológica que questiona os paradigmas tradicionais, centrados no “Homem Universal”. Essa perspectiva crítica é essencial para compreender as dinâmicas internas da Pastoral, especialmente o protagonismo feminino que ali emerge, muitas vezes invisibilizado em espaços eclesiais marcados pelo patriarcado.

Diante do exposto, espera-se que o leitor, ao acompanhar este estudo, seja convidado a reconhecer e valorizar a atuação das mulheres como protagonistas essenciais na Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha. Que possa compreender que sua liderança transcende a mera presença, constituindo uma forma legítima e potente de resistência e transformação social, sobretudo em um contexto marcado por desigualdades estruturais e desafios institucionais.

Mais do que um relato histórico ou institucional, este trabalho pretende sensibilizar para a importância de uma leitura crítica sobre as relações de gênero no âmbito religioso e social, desvelando as múltiplas formas de poder que as mulheres exercem, muitas vezes para além dos espaços formais de autoridade. Que o leitor perceba que a voz e a experiência dessas militantes não apenas enriquecem a história da Igreja local, mas apontam para caminhos de inclusão, justiça e humanização que reverberam para além do sistema prisional, inspirando novas práticas e perspectivas no campo da fé e da militância social.

## 2 A PRESENÇA DA IGREJA EM SERRINHA: VOZ PROFÉTICA NO SERTÃO

Neste primeiro capítulo, será apresentada uma análise acerca da formação histórica de Serrinha, desde suas origens ligadas à criação de gado no início do século XVIII até sua consolidação como cidade-polo do interior baiano. Abordarei aspectos como a fundação da Fazenda Serrinha por Bernardo da Silva, a construção da capela dedicada a Senhora Sant'Ana, a chegada da estrada de ferro no século XIX e o impacto desse acontecimento no desenvolvimento urbano e econômico do município. Também serão destacados marcos culturais e identitários, como a tradição pecuária e a criação da Vaquejada de Serrinha, além da diversidade religiosa que compõe o quadro cultural local. Essa trajetória permitirá compreender como a cidade se estruturou historicamente e se tornou referência regional, na criação da Diocese de Serrinha em 2005.

### 2.1 SERRINHA/BA: IDENTIDADE HISTÓRICA E RELEVÂNCIA REGIONAL NO TERRITÓRIO DO SISAL

Serrinha é uma cidade localizada no interior da Bahia a 175 km de Salvador, a capital baiana. É uma cidade com cerca de mais de 80 mil habitantes e com uma imensa diversidade de pessoas, seu gentílico é titulado de serrinhense, segundo consta no site Instituto Baiano de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>6</sup>.

Tasso Franco<sup>7</sup> (1996) escreveu em seu trabalho sobre a história da fundação da cidade que foi na capitania da Bahia, no início do século XVII, que surgiu a fazenda Serrinha, com a finalidade de criar gados, e serviu de local de descanso para homens e animais. E, no final do século XIX, o local virou um centro comercial e agropecuário recebendo foros de cidade. Com a expansão do espaço, o sítio<sup>8</sup> Serrinha foi comprado por Bernardo da Silva em 6 de setembro de 1723. Bernardo da Silva foi um português, comandante de uma expedição da colonização portuguesa, além disso, o fundador da

---

<sup>6</sup> Serrinha (BA). **Cidades e Estados**. IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/serrinha.html>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

<sup>7</sup> Tasso Paes Franco é jornalista formado pela UFBA, 1971. É também escritor com vários livros publicados sobre a Bahia. **Bahia Já - Jornalismo da Integração - Por Tasso Franco**. Disponível em: <<https://www.bahiaja.com.br/capa/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

<sup>8</sup> No seu livro o autor aponta duas nomenclaturas que se refere o mesmo local, sítio e fazenda.

cidade. Em meados do ano de 1715 se iniciou a organização urbana da cidade (Franco, 1996).

No ano de 1723, ainda segundo Franco (1996), foi construída a capela em louvor à Senhora Santana, padroeira da cidade. A capela foi construída no mesmo local da fazenda, no qual hoje é existente a antiga matriz e santuário, local de oração, celebrações eucarísticas, matrimoniais e adoração. Em 1 de junho de 1838 a capela foi elevada à categoria de freguesia<sup>9</sup>. A igreja antiga matriz de Serrinha, que hoje é também santuário, foi concluída em 1780 e possui uma faixa construída de mármore na fachada com a seguinte frase: 'Louvado seja o Santíssimo Sacramento e a imaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora concebida sem pecado original'.

Foi pela Lei provincial nº 1. 069 de junho de 1876 que se deu a criação do município, desmembrado de Purificação dos Campos<sup>10</sup>. Em 13 de junho de 1876, aconteceu a inauguração da estrada de ferro ligando Serrinha à Salvador e, em 30 de junho de 1891, a elevação à condição de cidade. Em 1880 o trem chegou a Serrinha e a estação ferroviária foi inaugurada, recebendo o nome de Rio Branco. Deu-se um caráter histórico para a cidade, a chegada do trem em Serrinha não só contribui para transformar a economia e pontos físicos.

Influenciou direta e indiretamente o cotidiano das pessoas que naquele lugar trabalharam e utilizaram os serviços ofertados, o trem passou a ser meio de transporte utilizado para locomoção de pessoas e cargas para outras cidades e principalmente para Salvador, a capital (Jesus, 2008, p. 10).

Com a instalação da Estação Ferroviária assim também com a Estrada de Ferro ambas localizadas em bairros periféricos e com proximidade ao centro da cidade, o desenvolvimento urbano aumentou. Foi no final do século XIX, iniciado em Alagoinhas, que se deu o prolongamento da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco. A obra foi iniciada pelos engenheiros Antônio Maria de Oliveira Bulhões e o diretor engenheiro chefe Antônio Fernandes Pinheiro e finalizada pelo engenheiro Miguel de Teive Argollo, engenheiros responsáveis por fazer que a estrada de ferro atravessasse o sertão do interior da Província da Bahia e alcançasse o importante

---

<sup>9</sup> Não há registro como foi o processo para capela tornar-se freguesia. Só apenas de modo superficial tanto no livro de Tasso Franco quanto no site do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/serrinha/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<sup>10</sup> Vila da Purificação do Campos era um município no interior do Estado da Bahia, atualmente Irará. PREFEITURA DE IRARÁ. *Histórico*. Disponível em: <https://irara.ba.gov.br/historico/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

entroncamento comercial de Juazeiro nas margens do Rio São Francisco (Souza, 2017 *apud* Jesus, 2018, p. 20).

Diante da pesquisa nos trabalhos acadêmicos sobre a história da cidade e da Estação Ferroviária e Estrada de Ferro, pudemos perceber alguns aspectos importantes no processo da construção. Apesar de não haver registro de fato das pessoas que compareceram na solenidade de inauguração, porém, como relata Jesus (2018), alguns representantes da cidade como figuras políticas estiveram presentes. Assim, no mais, estiveram presentes as famílias mais influentes da cidade, além das demais classes sociais, pois o evento era especial no local.

Além disso, também contou com a presença do presidente da Província, entre outros sujeitos, como comerciantes, fazendeiros que tiveram suas terras cruzadas pela estrada ferro e os doadores dos terrenos para construção da Estação Ferroviária. Jesus (2018) escreve sobre a abertura do tráfego a partir do que Etelvina Rebouças Fernandes<sup>11</sup> escreveu, uma fonte importante em seu trabalho. Além disso, a autora faz a dedução para sua escrita sobre as presenças no dia da inauguração da então estação ferroviária e estrada de ferro.

As relações comerciais, eram através dos vagões do trem que as mercadorias seguiam para Alagoinhas e Salvador. E foram através dos trilhos da Leste que os comerciantes iam fazer negócios na capital, e as famílias endinheiradas enviavam seus filhos para estudar nos bons colégios e faculdades (Franco, 1996, p. 17).

Nesta época, especificamente no século XIX, Serrinha se configurava como Vila<sup>12</sup>, assim como Alagoinhas, essa configuração era entendida desta forma pelas cidades do interior que faziam parte da Província da Bahia. A empresa ferroviária era intitulada 'Chemin de Fer'<sup>13</sup>, e depois passou ser Leste Brasileiro, que teve o forte interesse na cidade e em suas terras férteis, se enquadrando hoje como 'cidade polo', uma grande referência comercial e ponto estratégico industrial (Jesus, 2018).

---

<sup>11</sup> Possui graduação em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia (1970) e especialização em Política e Estratégia pela Universidade do Estado da Bahia (2000). Atua como arquiteta no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), com foco em temas como ferrovia, sertão e desenvolvimento. FERNANDES, Etelvina Rebouças. *Etelvina Rebouças Fernandes | Escavador*. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2108866/etelvina-reboucas-fernandes>. Acesso em: 30 jun. 2025.

<sup>12</sup> A expressão 'Villa Serrinha' é recorrente nas obras de Franco e de Maria Eliane de Jesus

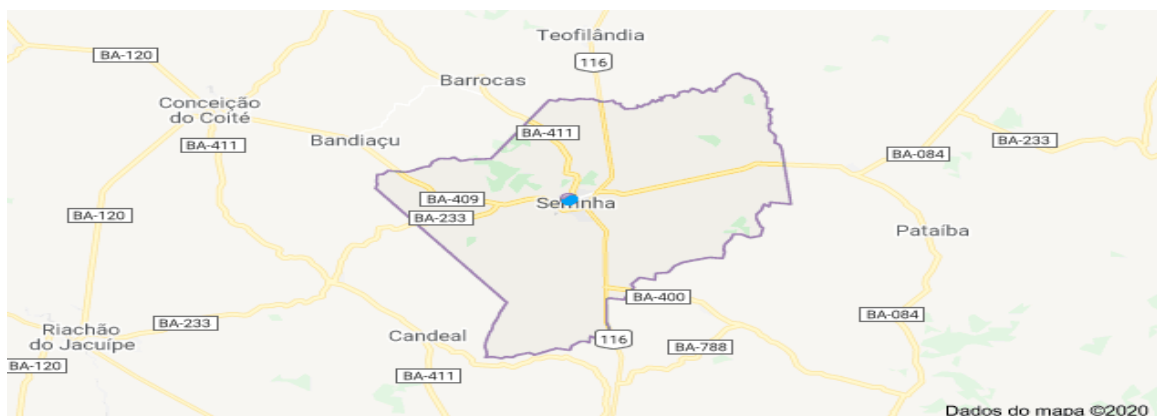
<sup>13</sup> Ver em FRANCO, Tasso Paes. **Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do Sertão da Bahia**. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996.

Franco (1996) enfatiza em sua escrita que a Leste Brasileiro exerceu cerca de 80 anos (entre 1880 e 1960) uma forte influência na sociedade local, em relações políticas, sociais e econômicas. Menciona diversas relações, idas e vindas de pessoas e comerciantes nos trilhos da 'Chemin'. A ferrovia simbolizou também a modernidade para cidade e mudanças no dia a dia em se tratando do comércio e transporte, pois a mesma se tornou um lugar de várias pessoas de diferentes classes sociais. Assim, mesmo que as pessoas não utilizassem a ferrovia para enviar ou receber produtos e cargas ou viajar, passaram a estar lá para socializar (Jesus, 2018).

No século XX, em meados de 1955, durante alguns anos, a cidade passou por uma crise que se encontrava com sérios problemas de abastecimento de água, e como resolução, a população recorria aos tanques construídos pela Leste que, desta forma, teve a influência e a responsabilidade em matar a sede do povo através dos açudes/ tanques que construiu. A sociedade serrinhense por muito tempo fez uso de águas de chuvas, ou seja, naturais, o acesso era muito reduzido, pois alguns tanques foram feitos para objetivos diferentes.

Serrinha hoje se encontra em um cenário de muita importância para região sisaleira, a cidade fica entre as margens da BR 116 e 324, é o 23º maior município baiano, apelidada de 'princesa tabuleiros' e reconhecida como 'capital da vaquejada' ou cidade das vaquejadas, devido à grande quantidade de parques de vaquejadas presentes (Figura 1).

**Figura 1** – Mapa do município de Serrinha-Bahia.



Fonte: GOOGLE MAPS, 2020.

Além disso, há um forte reconhecimento nacional e internacional. Sobre isso, Franco (1996) enfatiza que a criação da vaquejada em Serrinha se deu pela a iniciativa de Valdete Carneiro da Silva, em 1969. Segundo Franco (2008) a vaquejada é uma

das atividades de trabalho mais antigas de Serrinha. Práticas como conduzir o gado, derrubar o boi e ferrar os animais existem desde o final do século XVII, quando o município começou a se formar. Isso porque a pecuária sempre foi a principal atividade econômica da região.

Em 1968, um grupo de fazendeiros, entre eles Valdete Carneiro e Ernesto Ferreira<sup>14</sup>, organizou a primeira edição da Vaquejada de Serrinha, realizada em um curral improvisado na Fazenda Santa Cecília. O evento foi um grande sucesso, e no ano seguinte, em 1969, passou a ser realizado em uma área próxima à BR-101, assim como conta Franco, já dentro do perímetro urbano da cidade. Desde sua estreia, a festa atraiu cavaleiros de diversas partes do Nordeste, com destaque para Ernesto Ferreira, conhecido campeão de corridas.

Na época, a sociedade serrinhense vivia concentrada nos eventos realizados nos salões da ACS<sup>15</sup>(Associação Cultural de Serrinha), espaço dominado por Carlos<sup>16</sup>Mota, adversário político da família Carneiro. Com o surgimento da vaquejada, os

---

<sup>14</sup> Ernesto Ferreira, natural de Rio Tinto (PB), foi um homem dedicado à família e à vida pública. Casado por 30 anos com Maria José (Zezé), teve cinco filhos e chegou a Serrinha em 1964 como caminhoneiro. Tornou-se figura central na criação da primeira vaquejada da Bahia e fundou, em 1985, o Clube do Vaqueiro e uma escola comunitária no povoado do Cajueiro. Iniciou sua trajetória política nos anos 1980 como vereador, sendo reeleito em diferentes mandatos e atuando também como vice-prefeito (1997–2000). Trabalhou como delegado em Serrinha e Nordestina, sendo reconhecido como “Delegado do Ano”. Foi o vereador mais votado em 2004 e eleito novamente em 2008. Ernesto era conhecido por sua simplicidade, seriedade e forte compromisso com causas sociais. Era respeitado por sua dedicação à comunidade e por sua atuação em diversas áreas públicas. Faleceu no final do ano de 2010, vítima de câncer no pâncreas, após internação em Salvador. Foi sepultado no cemitério paroquial de Serrinha no dia seguinte.

<sup>15</sup> Foi fundada com o nome de Associação Desportiva Serrinhense (ADS), em 30 de outubro de 1952, na sala do Hotel da Leste, em solenidade presidida pelo então prefeito municipal, José Vilalva Ribeiro. A finalidade era se constituir numa sociedade recreativa, cultural e esportiva. O terreno onde era o antigo Estádio de pedido do deputado André Negreiros Falcão. Foi realizada uma eleição em 28 de outubro de 1954 para escolher a nova diretoria sendo eleito presidente Carlos de Freitas Mota. [...] A ACS- o clube, como era conhecida – foi palco de memoráveis festas, encontros políticos, literários, jurídicos, econômicos, eventos que contribuíram para agregar setores da comunidade. Constituiu-se no local onde a chamada elite social promovia festas de debutantes (15 anos), Miss Regional, Rainha do sisal, carnavais, noite dos Candelabros. Ver em Franco, 2008, p. 341.

<sup>16</sup> Carlos de Freitas Mota, vereador em sua segunda legislatura pelo Partido Republicano, foi eleito deputado estadual pelo PRP em 3 de outubro de 1958, ficando conhecido como representante político da região do São Francisco. Sua principal proposta de campanha foi a instalação da energia de Paulo Afonso em Serrinha, garantindo fornecimento elétrico contínuo, já que até então a cidade era atendida precariamente por motores a diesel, apenas entre a hora da Ave Maria e a meia-noite. Como gestor, realizou diversas obras na sede, distritos e povoados do município: calçamento das ruas 2 de Julho e Henrique Menezes, ampliação do efetivo da guarda municipal (de 5 para 12), aumento do número de auxiliares de ensino (de 27 para 70), regularização do pagamento dos servidores, aterramento dos tanques Devoto e da Sericultura, além da limpeza e ampliação dos açudes do Cipó e do Carrapato. Foi o décimo segundo prefeito eleito de Serrinha, exercendo mandato de 1959 a 1963 voltando a ser gestor entre o ano de 1967 a 1971 Cf. FRANCO, Tasso Paes. *Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do Sertão da Bahia*. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 2008, p.185.

organizadores promoveram uma integração entre os costumes rurais e elementos da vida urbana. Assim, uniram práticas tradicionais do campo, como a montaria a cavalo, as vestimentas típicas dos vaqueiros e a derrubada do boi, a atividades citadinas, como concursos de miss, festas dançantes e barracas com comidas e iguarias. A religiosidade também esteve presente, com a realização de missal campal durante o desfile de vaqueiros, além da constante presença da política como pano de fundo dessas manifestações.

Deu tanto certo que se transformou na maior festa popular da cidade, depois do carnaval, E, alguns anos, chegou mesmo a superar o carnaval. A importância desse evento para a cidade foi tão grande, no decorrer dos anos que o grupo político ligado a Plínio Carneiro/Valdete Carneiro manteve a hegemonia política local, a área onde foi montado o parque Fernando Carneiro (homenagem ao pai de Valdete) se transformou num dos maiores bairros da cidade (Vaquejada) e cidade passou ser conhecida, em todo país do circuito vaquejada como um dos locais onde melhor se realiza este tipo de promoção (Franco, 2008, p. 437).

O parque consolidou-se como espaço de lazer e articulação política, reunindo atividades esportivas, comércio de artigos típicos e espaços de convivência como o popular 'Inferninho', frequentado principalmente por jovens. Paralelamente, o crescimento urbano impulsionado pela festa e pela localização estratégica ao longo da BR-116 levou à formação do bairro, que recebeu o nome de Valdete Carneiro como homenagem. Após sua morte precoce, a festa passou por períodos de instabilidade, até a inauguração do Parque Maria do Carmo, em 1998, pela família Serra, o qual consolidou a vaquejada como principal atração do município.

Atualmente, o bairro da Vaquejada é uma das áreas que mais cresce em Serrinha, reunindo infraestrutura urbana consolidada, com escolas, comércios, serviços e empreendimentos residenciais, além de manter viva a memória de sua origem ligada à cultura do vaqueiro e à figura de Valdete Carneiro<sup>17</sup>.

A cultura e a religiosidade ocupam lugar de grande relevância na cidade de Serrinha. As manifestações religiosas e culturais são diversas e expressivas, abrangendo práticas de matriz cristã, tradições populares e também expressões religiosas de origem africana, que compõem o rico mosaico espiritual do município.

---

<sup>17</sup> BAHIA JÁ. *História dos bairros de Serrinha, cap. 15: vaquejada nasce com Valdete*. Disponível em: <https://bahiaja.com.br/cultura/noticia/2023/03/01/historia-dos-bairros-de-serrinha-cap-15-vaquejada-nasce-com-valdete,144013,0.html>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Muitas dessas celebrações já integram o calendário oficial de eventos, como a Semana Santa e a Festa da Padroeira.

No contexto da Semana Santa, destaca-se a tradicional Procissão do Fogaréu, que tem ganhado crescente adesão da população local e atraído a atenção de visitantes e turistas. Realizada anualmente na Quinta-feira Santa, logo após a celebração eucarística, a procissão culmina com a subida à Colina Sagrada, onde está localizada a imagem de Senhora Sant'Ana, padroeira da cidade. Nesse mesmo local, acontece o espetáculo "A Paixão de Cristo", encenado por membros da comunidade.

Além dessas celebrações, a cidade realiza a novena e a Festa de Senhora Sant'Ana, que mobilizam expressiva participação dos fiéis católicos. Soma-se a essas manifestações religiosas o Dia do Evangélico, data oficialmente reconhecida, que reflete a presença significativa das igrejas evangélicas no município e amplia a diversidade das expressões de fé cristã.

Paralelamente a essas práticas, as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, também têm presença ativa e histórica em Serrinha. Seus terreiros e líderes religiosos, muitas vezes invisibilizados pelo discurso religioso dominante, exercem papel fundamental na preservação de saberes ancestrais, na promoção do cuidado espiritual e no fortalecimento da identidade negra local. Os rituais, as festas dos orixás e as práticas comunitárias ligadas à ancestralidade afro-brasileira contribuem para a pluralidade religiosa e cultural do território, tornando Serrinha um espaço de convivência entre diferentes tradições de fé.

Serrinha tornou-se sede da Diocese homônima em 2005, inicialmente composta por três paróquias e pela instalação do bispado.

## 2.2 A DIOCESE DE SERRINHA E A MISSÃO DA IGREJA NO SERTÃO: ENTRE A TRADIÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Nesse tópico faremos uma contextualização sobre o momento de implantação da Diocese de Serrinha. Contaremos a trajetória da chegada da Diocese para contextualizar o nascimento das pastorais, em especial, a pastoral carcerária, que foi

um desejo inicial do bispo logo após a sua implantação, segundo a coordenadora da pastoral carcerária diocesana<sup>18</sup>.

Diocese<sup>19</sup> é nome de uma divisão territorial estabelecida pelo papa para delimitar a área de atuação e governo de um Bispo, só o Papa pode nomear bispos e estes estão ligados diretamente a ele<sup>20</sup>. O termo teve sua origem pelo imperador Diocleciano, no império Romano, no século III. Ele viu que era muito difícil um imperador administrar todo império, então ele dividiu em doze dioceses, onde ele colocou um vigário em cada diocese, responsável por representá-lo. Os casos administrativos e menores, estes vigários resolveriam. Assim que o império romano caiu, as dioceses caíram, e é sabido que a igreja católica adotou o termo diocese em seu uso para suas regiões administrativas.

O concílio Vaticano II (1965) diz que Diocese é: “a porção do povo de Deus para um pastoreio de um bispo civil”<sup>21</sup>, ou seja, o vigário, no contexto do imperador Romano Diocleciano, lhe representava; e o bispo, no contexto da Igreja Católica, representará o papa em cada diocese. A separação das dioceses, mesmo que se esteja tratando de termos políticos e administrativos, também é um termo geográfico para determinar a região que ali vai ser administrada<sup>22</sup>.

A Diocese de Serrinha é uma circunscrição eclesial da igreja católica no Brasil, está localizada no sertão da Bahia, interior baiano, cidade de Serrinha. Na cidade é localizada a Sé Episcopal representando o bispo diocesano, foi criada pelo papa Bento XVI e foi erigida a partir do desvinculamento da Arquidiocese de Feira de Santana e da Diocese de Paulo Afonso<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Irmã Rita de Cássia a Lucas Vinicius Melo Souza no dia 13 de abril de 2024 na cidade de Serrinha-Bahia.

<sup>19</sup> Cola com Deus. **Diocese X Arquidiocese**. Youtube, 26 de julho de 2017. 4 min30s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6j1yu2pj3p8>>. Acesso em: 15 de jan. 2020.

<sup>20</sup> CLÉOFAS. **O que é uma diocese?** Disponível em: <https://cleofas.com.br/o-que-e-uma-diocese>. Acesso em: 5 fev. 2020.

<sup>21</sup> CONCÍLIO VATICANO II. **Christus Dominus: Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja**. 28 out. 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_christus-dominus\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html). Acesso em: 15 fev. 2020.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> As informações apresentadas baseiam-se na ata solene de instalação da Diocese de Serrinha e posse de seu primeiro bispo, arquivada na cúria diocesana, além de outras fontes, como atas de reuniões preparatórias, registros da Arquidiocese de Feira de Santana, da Diocese de Paulo Afonso e da própria Diocese de Serrinha. Esses documentos trazem dados sobre a atuação do núncio apostólico, dos bispos, da organização pastoral e administrativa, bem como sobre a dimensão geográfica da nova diocese e os municípios que a compõem. Em uma única visita à cúria, foi possível fotografar e analisar o material e dialogar com o padre administrador da Catedral e com uma religiosa atuante na pastoral local.

O pesquisador e jornalista Tasso Franco (1996) descreve a trajetória do forte catolicismo presente na cidade. Ele discorre sobre o desejo de Bernardo da Silva, figura caracterizada como fundador de Serrinha, de construir a capela em louvor a Senhora Santana, que logo depois torna-se a igreja matriz. O autor explana, até meados da década de 1990, sobre as personalidades eclesiásticas, fiéis e pessoas que construíram a história da igreja católica em Serrinha.

Segundo Franco (1996), em 1912, quem assumiu a igreja pela primeira vez foi um filho da cidade, o padre Carlos Olímpio Sílvio Ribeiro (Padre Carlos). Filho de Joaquim Sylvio Ribeiro e Francisca Murta Ribeiro, de uma família tradicional local, o primeiro intendente de Serrinha era seu tio, Mariano Sílvio Ribeiro. O então Padre Carlos estudou no antigo Seminário de Santa Tereza, (local que Tasso Franco ressalta que hoje é o Museu de Arte Sacra da Bahia), tendo sua ordenação em 1911.

Ainda segundo Franco (1996), quando completou 24 anos de idade, Padre Carlos foi nomeado pelo arcebispo primaz, Dom Jerônimo Thomé da Silva, pároco em Serrinha, onde permaneceu até agosto de 1919. Em 1928 foi removido pelo arcebispo Dom Augusto Álvaro da Silva para cidade de Feira de Santana. Logo, em 1932, ele retornou à paróquia de Serrinha depois de sua passagem na igreja do Senhor do Bomfim, nomeado como capelão, e a Paróquia de São Pedro, ambas em Salvador.

Ao passar dos anos, ainda segundo Franco (1996, p. 192), foram surgindo “agremiações religiosas como: o Apostolado do coração de Jesus e Apostolado do coração de Maria”. E outros padres foram nomeados para assumir a paróquia serrinhense. Franco (1996), enfatiza que em 1928, o padre Francisco Ribeiro Tanajura (padre Tanajura) substituiu o padre Mário Carvalho por conta do atrevimento com as fiéis, quer dizer ter intimidade ou alguma relação mais próxima, o Tanajura era também um padre muito querido pela comunidade católica que residiu no município até 11 de abril de 1932.

Nesta época, a igreja matriz se encontrava em ruínas, em estado de risco, sem preservação, precisando de reformas. Franco (1996) salienta que o jornal da época, chamado O Serrinhense, sabendo da situação crítica que a igreja se encontrava, promoveu, juntamente com o padre Tanajura, uma campanha com os fiéis com o objetivo de reformar a igreja matriz. O padre ‘Tanajura’, conhecendo bem o arcebispo Dom Augusto Álvaro da Silva que tinha uma linha dura, ou seja, uma pessoa que tinha pensamentos radicais e não tolerava ideias opostas, mesmo assim conhecendo o

arcebispo o padre decidiu contá-lo sobre a campanha para reforma da matriz. Com o isso bispo barrou a proposta da campanha da reforma, “provocando revolta e indignação na sociedade”. “De todo modo, a atitude do sacerdote foi inteligente e correta no sentido que a igreja matriz, hoje, é o principal monumento da arquitetura local” (Franco, 1996, p.193).

Dentre os festejos religiosos católicos, destacamos a procissão do fogaréu. Esta é uma manifestação religiosa, cultural e artística, e é realizada anualmente. O padre Carlos Olímpio Sílvio Ribeiro, no ano 1932, instituiu a procissão e, com seu jeito severo com os fiéis, os proibiam de usar ‘roupas fechadas’. Deduz-se que a regra do padre era que as fiéis não usassem roupas muito justas, apertadas, para que não chamasse atenção das outras pessoas na realização da celebração dos ritos e na igreja.

O cardeal Augusto Álvaro da Silva esteve em Serrinha em 27 de junho de 1936, e, segundo Franco (1996), o eclesiástico preparou uma grande campanha juntamente com o comércio e as figuras políticas para construção da “Igreja Nova”, hoje catedral. Graças a sua influência e à Câmara de Vereadores, conseguiu aprovar a Lei nº 69, que concedeu a doação do terreno onde funcionava uma antiga usina. Em 8 de setembro de 1952, foi lançada a pedra essencial da construção da obra (Franco, 1996).

Franco (1996) salienta que um dos padres que passou pela paróquia, chamado de Demócrito Mendes de Barros, foi nomeado vigário coadjutor de Serrinha e depois titular da paróquia no ano de 1953, teve-lhe a missão de seguir com o projeto da Igreja Nova e concretizar o desempenho da igreja na cidade. É importante descrever a trajetória da Igreja nova que foi matriz hoje é denominada de catedral, igreja mãe da diocese – significando igreja maior – pois, através dela podemos entender todo processo para tornar-se uma Diocese na região do sisal.

O padre Demócrito fez com que a ação pastoral se desenvolvesse pelos povoados e distritos da cidade, e mantinha um estreito relacionamento com a sociedade, ele contribuiu na educação e participou das fundações do ginásio regional (1952) e a Escola normal (1956). Exercendo as funções de professor, influenciou vários serrinhenses a abraçarem o sacerdócio, e, embora fosse um tradicionalista, segundo Franco (1996), ele não era um padre rigoroso como o seu antecessor, o monsenhor Carlos, que idealizou o projeto da igreja nova procurou os comerciantes

mais influentes da cidade e pediu uma colaboração para construção. Assim, o padre Demócrito fez o mesmo, usando a mesma estratégia e apelando para os comerciantes e políticos, convocou os fiéis para fazer a oferta do dízimo e promoveu vários leilões na festa de Santana, para o beneficiamento da obra.

Naquela época, muitos fazendeiros da localidade doaram carneiros e bois para finalização do templo, é sabido que essa construção foi executada sem nenhum estudo adequado de engenharia e, segundo Franco (1996), foi quase toda realizada pelo mestre de obra Evangelista. A pessoa responsável por pagar a folha era o comerciante Antônio Nunes, que também era o gerente de finanças paroquiais (o tesoureiro).

O padre Demócrito também foi um dos responsáveis pela construção do salão Paroquial, que se encontra ao lado da igreja, era também chamado de Salão de Ação Católica, hoje salão Papa João XXIII ou salão da cúria, este foi reformado por Dom Ottorino, primeiro bispo de Serrinha e emérito, que também teve ação administrativa conjuntamente por José Nunes e padre Demócrito no passado (Franco, 1996).

Já em 1975, a Igreja Nova já era paróquia, a igreja passou por uma reforma<sup>24</sup> sobre a administração do padre Nicasio tempos depois. Na administração do padre Lucas Di Nuzzo aconteceu, em 10 de outubro de 1975, um incêndio na sacristia da matriz, destruindo missais, ornamentos e alfaias. Acredita-se que, já nessa época, existiam livros de tomo da paróquia, mas devido ao incêndio, provavelmente foram destruídos pelo fogo (Franco, 1996). A paróquia enfrentou muitos problemas com a administração do padre Lucas, pois ele era casado, com filhas, foi acusado de tráfico de crianças serrinhenses para os países da Europa, além de ser rigoroso com os fiéis.

Em 1990, envolvido com doação de crianças serrinhenses para Itália, mantendo em Serrinha um falso educandário só para esse fim, foi afastado da igreja devido à repercussão. O caso proporcionou muito rumor, ganhou manchetes dos jornais e teve repercussão nacional, com apuração pela Polícia Federal. O padre afirmava, na época, que de norte a sul da Itália havia dezenas de crianças serrinhenses, segundo ele, adotadas legalmente. O padre fundou Associação Serrinhense de Assistência do Menor abandonado

---

<sup>24</sup> É de conhecimento geral entre os moradores da cidade que a chamada igreja nova, atualmente elevada à condição de catedral, passou por diversas construções e reformas ao longo dos anos. Sua remodelação mais significativa ocorreu durante a administração do bispo emérito Dom Ottorino Assolari e do Padre Gutemberg, por volta do ano de 2015, quando a estrutura foi totalmente revitalizada.

(ASAMA), na praça da Estação, que recebia ajuda do exterior e havia ainda o Lar Franco Belcaro, onde as crianças eram alojadas e recebiam a visita dos futuros pais italianos, o sacerdote não cobrava nada para os casais, apenas uma ajuda para manter a creche (Franco, 1996, p. 198).

O padre Lucas D'nuzzo, além de ter fundado uma creche, também estava ligado a outra que funcionava no bairro Cidade Nova. Lá, uma senhora acolhia crianças vindas de diversos bairros e da zona rural. Depois que toda a documentação era providenciada, sempre com o envolvimento do padre e do juiz Jáder Machado, seguindo as leis brasileiras, essas crianças eram encaminhadas para a Itália e outros países da Europa. Enquanto aguardavam o desfecho do processo judicial, os italianos que vinham adotá-las ficavam hospedados em um hotel antigo, que ficava em frente à estação rodoviária da cidade. De lá, partiam para o Rio de Janeiro e, depois, seguiam para Roma ou Milão. Com o tempo, o caso ganhou repercussão e o padre acabou sendo afastado da paróquia e, algum tempo depois, deixou a cidade.

Após esses acontecimentos, assume a então paróquia de Serrinha o padre Nicásio Fernandes Pozuelo (secular), natural em Villanueva de la Canadá, e o vigário Manuel Ruiz Qnate, o segundo diácono Lúcio Eusébio dos Santos. Com a chegada de padre Nicásio muita coisa mudou e, principalmente, no modo de se comportar, ele caminhou pela linha mais tradicional, mas com a perspectiva da Teoria da Libertação. Como se encontra no livro Pe. Nicasio Fernandez Pozuelo o profeta das comunidades: “Assim que chegaram foram logo querendo conhecer as comunidades, mas, sobretudo, as lideranças, nas quais iriam depois desenvolver um frutuoso trabalho de evangelização” (Lima; Oliveira, 2011, p. 38).

Sob a administração do padre Nicasio, de 1986 até meados de 2006, foi desenvolvida uma grande missão pela comunidade católica de Serrinha onde passou mais de 20 anos no município, formando comunidades, ajudando nas construções de capelas. Além de ser sacerdote é um artista que ajudou nas construções de muitas capelas e esculpia os sacrários, ele criou muitos hinos chamados ‘bendito’; um grande incentivador dos leigos e leigas para servir à igreja, e também incentivava as vocações, principalmente no âmbito sacerdotal e no trabalho pastoral<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Sou membro da igreja e sou aprendiz das fontes orais e tenho anos de vivência na comunidade católica, já participei de formações, e reuniões, e também já exerci papéis como catequista, coordenador de liturgia, cantei no coral, e sou membro da pastoral da comunicação da paróquia, busquei na cúria diocesana, através dos relatos das pessoas mais velhas na igreja, sobre a vida do padre Nicasio e de sua passagem na paróquia durante mais de 20 anos.

Para além de tudo isso, de acordo com Lima e Oliveira (2011), em sensibilidade com as crianças carentes da paróquia, construiu a Casa do Menor<sup>26</sup>, dedicando a elas uma educação de qualidade. Segundo os autores, deu-se continuidade à tradicional procissão do fogaréu, estabelecendo algumas regras mais severas. Causava rumores que, de um lado, algumas pessoas os admiravam e, de outro, certos descontentamentos na cidade. Regras para que os fiéis não rezassem o terço durante a missa, não realizar casamentos, foram causas de revoltas.

Em meados de 1999, a paróquia de Serrinha era submetida à Diocese de Feira de Santana-Bahia, que tinha como bispo o Dom Itamar Vian, após o término de sua construção foi apelidada de Matriz Nova. Uma figura muito importante dentro deste contexto foi Padre Nicasio, o sacerdote cuja passagem pela cidade e na paróquia descrevemos a fim de melhor compreendermos o processo de instalação da Diocese na região caracterizada de sisal.

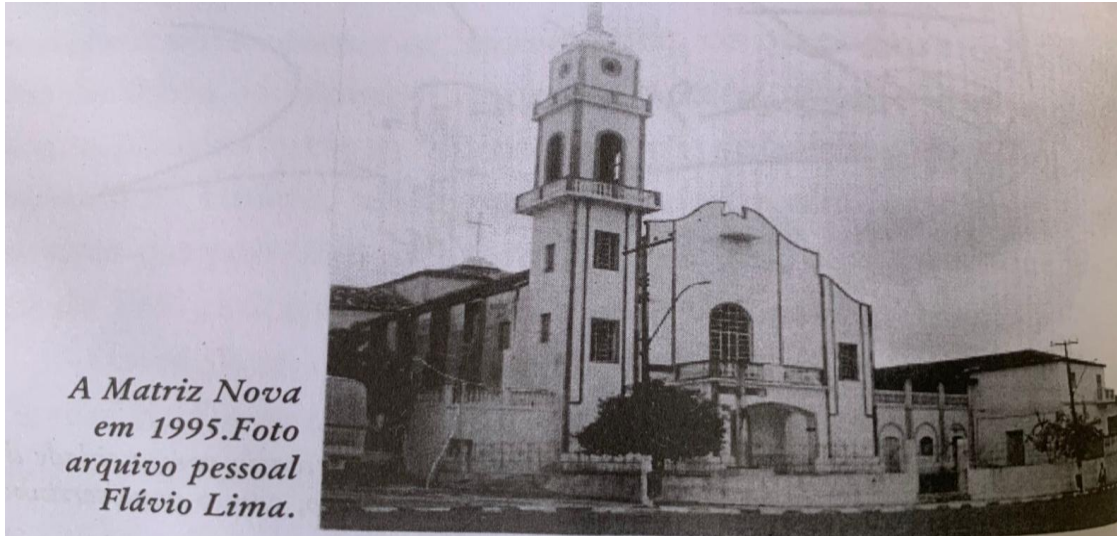
Segundo Lima e Oliveira (2011), dentre as obras que o padre realizou na cidade, ele sonhava em transformar a paróquia de Serrinha em uma Diocese. Portanto, conseguiu o local e construiu a sede do Vicariato<sup>27</sup> São Mateus. Além disso, trabalhou constantemente para que a Matriz Nova ficasse nas circunstâncias em termo de estrutura para se tornar uma Catedral (Figura 2).

**Figura 2** – Matriz Nova em 1995, atual Catedral de Senhora Sant'Anna.

---

<sup>26</sup> A casa do menor foi transformada anos depois na escola do menor que pertence a Diocese de Serrinha.

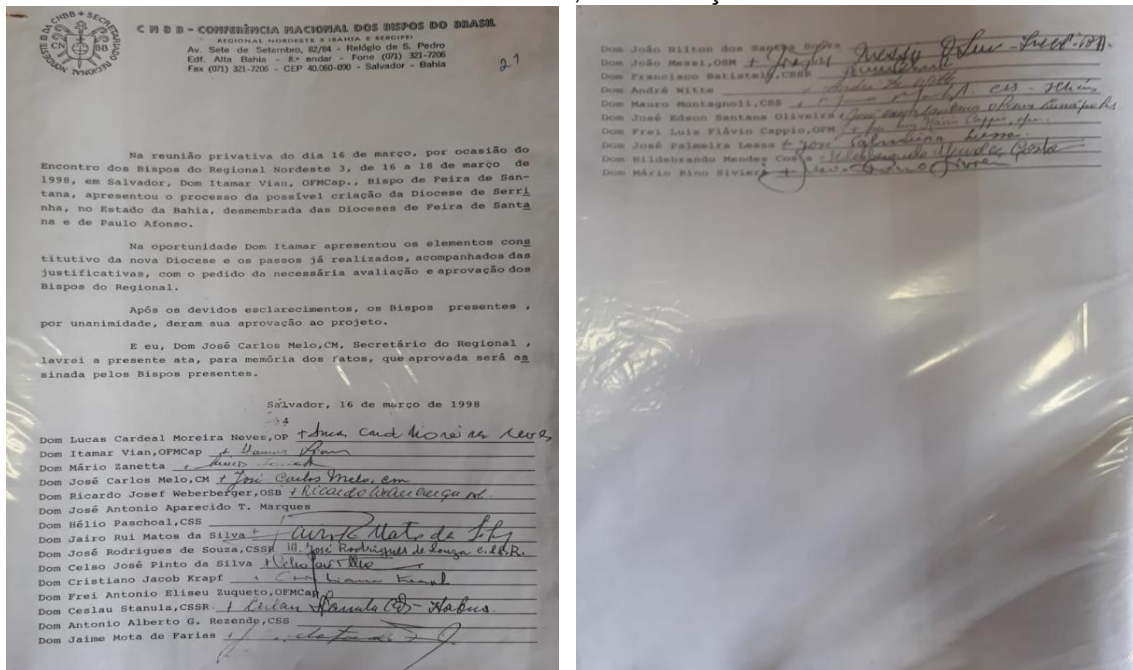
<sup>27</sup> VICARIATO – Dentro de cada diocese existem um ou mais Vicariatos. Os Vicariatos episcopais são um instrumento evangelizador mais descentralizado. Colaboram para o atendimento às exigências da ação evangelizadora em cada grande área geográfica ou ambiental, organizando melhor o trabalho e as relações pastorais. Já os Vicariatos territoriais, por sua vez, são divididos em áreas pastorais menores, designadas pelo Código de Direito Canônico como foranias, que agrupam algumas paróquias. O vigário episcopal (presbítero colaborador do bispo), nomeado pelo Arcebispo, que formará a Coordenação do Vicariato, com os representantes das foranias. Cada Vicariato enviará representantes para comporem a Coordenação Arquidiocesana de Pastoral. Os vigários episcopais cultivam uma estreita relação pastoral com o arcebispo, na medida em que colaboram com o governo pastoral da Arquidiocese. Eles multiplicam e difundem o próprio ministério do arcebispo. Fonte: CATEQUISAR. *O que são Foranias? Vicariatos? Dioceses? Você sabe?*. Disponível em: <https://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>. Acesso em: 18 fev. 2020.



Fonte: Lima e Oliveira (2011, p. 140).

A Diocese de Feira de Santana realizou muitas reuniões e discussões (Figura 3), e convocou também a Diocese de Paulo Afonso, que, segundo Lima e Oliveira (2011) se organizou em zonais e começou o processo de criação da Diocese de Serrinha, o Zonal IV, denominado de Zonal do Sertão, com o centro em Serrinha. O Zonal teve um bom destaque através da dedicação e movimento da igualdade regional, com os quais as coordenações regionais estavam trabalhando.

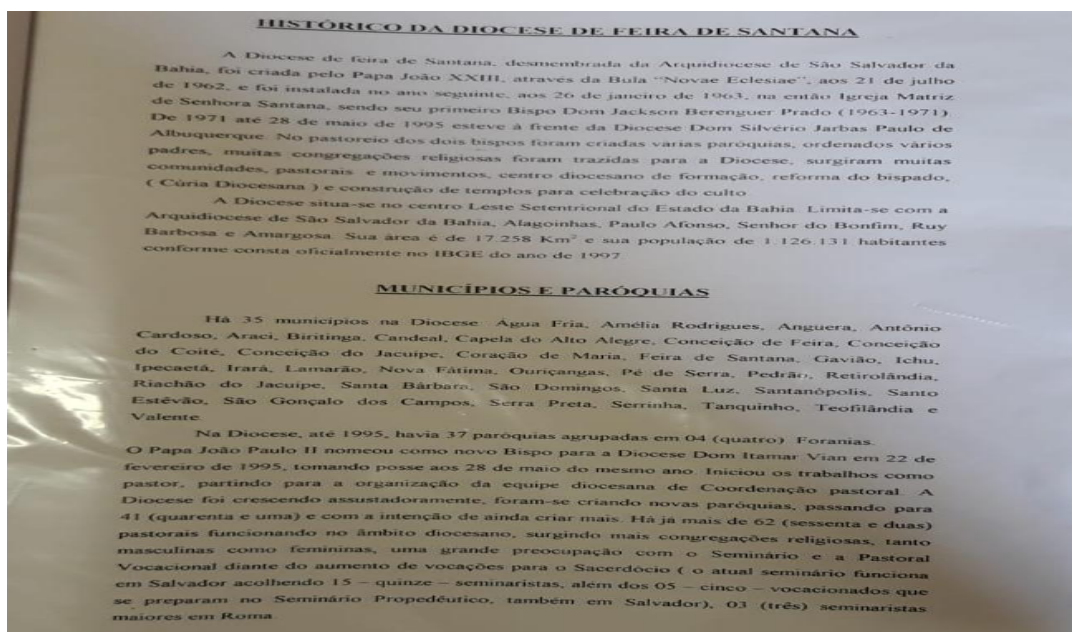
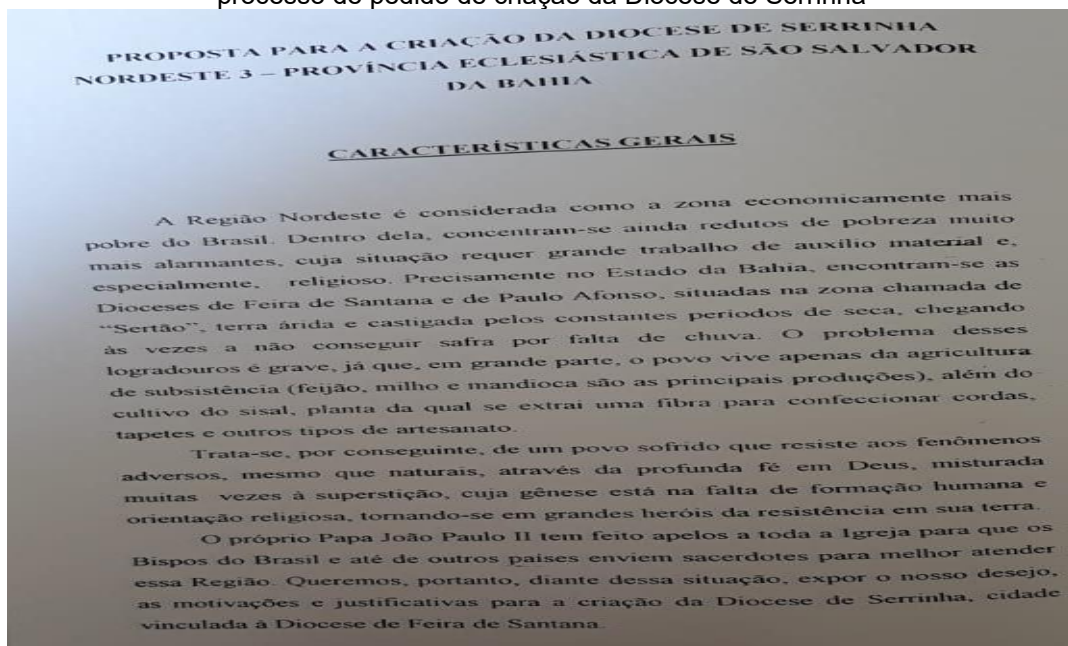
**Figura 3 – Ata com justificativas e assinaturas dos bispos do Regional Nordeste 3 para a instalação da Diocese de Serrinha, 15 de março de 1998.**



Fonte: Arquivo da Diocese de Serrinha, 1998.

Segundo Lima e Oliveira (2011) foram as seguintes justificativas apresentadas para criação da nova diocese: a população com características socioreligiosas bem parecidas; a quantidade de 505.787 habitantes; a sede era muito distante das comunidades com leigos engajados; anseio de maior unidade pastoral e comunitária e um planejamento de conjunto que respeitasse as realidades (Figura 4).

**Figura 4** – Histórico apresentado pela Diocese de Feira de Santana, atual Arquidiocese, no processo de pedido de criação da Diocese de Serrinha





família), hoje bispo emérito – nesta época, em que ele foi anunciado o primeiro bispo, era mestre dos noviços em Ivaíândia, Diocese de Campo Mourão, Estado do Paraná, onde foi sagrado bispo, em novembro do mesmo ano (2005).

Após a criação do Vicariato que recebeu o nome de São Mateus, o padre Nicasio foi nomeado e escolhido para ser vigário episcopal do Vicariato. Na data de 1977, foi formada uma equipe para preparar o Vicariato do sertão em futura Diocese de Serrinha. Em 1997, foi criada uma comissão<sup>28</sup> para preparar o Vicariato. Recebeu uma intensa colaboração na parte da administração e financeira, no qual houve uma reunião diocesana antes que concedeu ao Vicariato São Mateus 50% do dízimo (Lima; Oliveira, 2011).

O local do Vicariato (Figura 6), que se chama hoje de Cúria Diocesana, foi levantado e preparado para ser a Diocese de Serrinha. Isso foi feito através do processo burocrático junto com as paróquias de Euclides da Cunha, Tucano e Quijingue, vinculadas com a nova Diocese. Ao passar pelos bispos ligados ao Regional Nordeste 3<sup>29</sup>, o processo foi encaminhado para Roma, no Vaticano, tendo seguimento pelos pedidos e normas canônicas (Lima; Oliveira, 2011).

**Figura 6**– Mapa da Diocese de Serrinha.



<sup>28</sup> Devido ao processo de pedido para criação da nova diocese, o padre Nicasio criou uma comissão entre padres, religiosas, leigos e leigas e animadores de comunidades para dar continuidade a tudo o que era exigido pelo Vaticano. Os autores não discutem muito sobre essa comissão.

<sup>29</sup> O Regional NE3 é formado pelas Dioceses dos Estados da Bahia. Os Bispos, membros da CNBB, formam o Conselho Episcopal Regional – CONSER – órgão colegial, que coordena a ação evangelizadora e anima a pastoral de conjunto do Regional. CNBB – REGIONAL NORDESTE 3. *Quem somos*. Disponível em: <https://cnbbne3.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

Fonte: Arquivo encontrado ata arquivada na cúria Diocese de Serrinha-Bahia, 2020.

Com mais de 500 mil habitantes, a nova diocese de Serrinha é formada por 20 municípios do interior baiano: Araci, Barrocas, Biritinga, Capela de Alto Alegre, Conceição do Coité, Euclides da Cunha, Gavião, Ichu, Lamarão, Nova Fátima, Pé de Serra, Quijingue, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Santa Luz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente. O número de católicos é de, aproximadamente, 460.000, distribuídos em paróquias como salientam os autores. A Diocese de Serrinha abrange, portanto, toda a região do Vicariato São Mateus, hoje cúria diocesana, e mais três paróquias da diocese de Paulo Afonso (Lima; Oliveira, 2011).

Com o passar dos anos, a Diocese foi crescendo e se desenvolvendo. Áreas pastorais vinculadas às paróquias já existentes passaram a integrar novas comunidades que surgiam, de acordo com o aumento do número de fiéis e das necessidades pastorais. É importante destacar que, antes da criação oficial da Diocese, ocorreram diversas reuniões envolvendo bispos, padres, religiosas e leigos atuantes na pastoral. Foram muitas as tentativas, apelos e assembleias realizadas tanto na Arquidiocese de Feira de Santana quanto na Diocese de Paulo Afonso.

Compreendida a estrutura e elaboração de instalação da diocese, torna-se possível analisar e salientar as ações pastorais que dela surgiram. A criação da Diocese de Serrinha representou não apenas uma redefinição territorial e administrativa da Igreja Católica na região, mas, sobretudo, uma nova configuração pastoral que visou atender com maior eficácia as demandas específicas das comunidades locais.

As pastorais é prova da ação dos leigos e leigas na Igreja de modo que configuram o protagonismo evangelizador:

Habituem-se os leigos a trabalhar na paróquia, intimamente unidos aos seus sacerdotes; a trazer para a comunidade da Igreja os problemas próprios e do mundo e as questões relativas à salvação dos homens, para serem examinados e resolvidos por troca de consultas; a empenhar-se, na medida de suas forças, em auxiliar todas as iniciativas apostólicas e missionárias da própria família eclesial (Concílio Vaticano II, 1966, p. 16 *apud* Guariza, 2008, p. 121).

Assim, as pastorais tornam-se espaços de presença dos leigos e leigas na vivência da fé, no exercício da responsabilidade missionária e no diálogo com a

realidade social. No contexto da Diocese de Serrinha, destaca-se a importância da implantação e do fortalecimento das diversas pastorais sejam sociais, catequéticas ou missionárias.

É importante salientar a expressiva presença de mulheres, tanto na organização dessas pastorais quanto na atuação direta em suas atividades. No próximo capítulo, será abordado o sentido da pastoral carcerária e a luta pela inserção da mulher nesse espaço.

### 3 AS PASTORAIS CARCERÁRIAS E A AÇÃO DAS MULHERES

O capítulo trata da atuação das pastorais católicas, com foco na Pastoral Carcerária, destacando o protagonismo feminino nesse contexto. Apresenta como essas pastorais organizam ações sociais e espirituais, especialmente junto a pessoas privadas de liberdade, e evidencia o papel das mulheres na liderança, no cuidado e na transformação das práticas pastorais e da própria Igreja. Também dialoga com reflexões sobre gênero, mostrando como mulheres exercem formas de poder e influência em espaços tradicionalmente patriarcais. E por fim elenca sobre as mulheres militantes que são protagonistas das vivências reais.

#### 3.1 O SENTIDO DAS PASTORAIS CATÓLICAS E A LUTA PELA INSERÇÃO DAS MULHERES

Pastoral é um termo usado pela Igreja católica para caracterizar um grupo de pessoas onde existem homens e mulheres em prol de um serviço designado a favor da igreja. “É toda atividade indispensável para que a igreja cumpra a sua finalidade”<sup>30</sup>.

Pastoral nada mais é que é um serviço, uma ação, um trabalho desenvolvido pela igreja, não se resume ao grupo de pessoas, mas é uma ação organizada e dirigida pela Diocese e paróquia para atender determinada situação, é uma realidade específica<sup>31</sup>.

O conceito de Pastoral, conforme delineado, revela seu caráter de serviço e missão da Igreja, configurando-se como uma ação planejada, articulada e institucionalmente conduzida pela Diocese e pelas paróquias. Nessa perspectiva, a Pastoral ultrapassa a ideia de um simples agrupamento de fiéis, assumindo-se como expressão concreta da ação evangelizadora, orientada para responder às demandas específicas de cada realidade social, cultural e espiritual.

O termo pastoral, ao longo da história da Igreja católica, passou por vários significados, como relata Antoniazzi (2017) o Concílio Trento (1545-1563) deu grande ênfase à figura do Pastor, aplicando este termo, primeiramente à figura do Bispo e

---

<sup>30</sup> OLIVEIRA, José Carlos de. **O que é pastoral?**. 27 fev. 2018. Disponível em: <https://josecarlosdeoliveira.com.br/blog/publicacao/2300291/o-que-pastoral>. Acesso em: 10 maio 2024.

<sup>31</sup> Saiba o que é Pastoral, movimento e grupo. Gravado por José Carlos Ferreira da Silva. [s.l.:s.n.]. 02 fev. 2021. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal Partilhe e compartilhe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UcoW04UPFLU>. Acesso em: 17 jun. 2024.

depois à figura do pastor<sup>32</sup>. No Concílio de Trento foi necessário definir a identidade de pastor, inicialmente bispos e presbíteros, e suas respectivas atribuições, diferenciando-as do apostolado dos leigos<sup>33</sup>.

No âmbito das pastorais, os coordenadores diocesanos ou arquidiocesanos exercem um papel essencial na animação e articulação da missão evangelizadora. São responsáveis por planejar, organizar e conduzir formações mensais, bem como promover a integração dos agentes de pastoral que atuam nas paróquias e comunidades, essa função exige não apenas competências organizacionais, mas também uma profunda vivência da fé eclesial. Como destaca a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), “a ação evangelizadora requer sujeitos preparados, comprometidos e inseridos na realidade” (CNBB, 2019, p. 139).

Assim, a coordenação pastoral se fundamenta em pilares como a comunhão, o compromisso missionário, a disponibilidade ao serviço, o planejamento pastoral participativo, a corresponsabilidade e a formação contínua. As diversas pastorais contam com colaboradores que possuem formação adequada para o exercício das funções que lhes são atribuídas. Tais iniciativas são coordenadas pelas Dioceses, as quais promovem, de forma sistemática, cursos e encontros de capacitação, com a finalidade de assegurar que os agentes de pastoral atuem junto às comunidades com compreensão crítica de suas atribuições e clareza quanto aos objetivos de sua missão eclesial.

As pastorais da Igreja Católica configuram-se como formas organizadas de atuação social e comunitária, desenvolvidas a partir das demandas específicas de diferentes grupos e contextos. Elas têm como principal objetivo contribuir para o bem-estar das populações atendidas, articulando ações que integram dimensões humanas, sociais e éticas, por meio de uma atuação contínua e estruturada.

Entre essas iniciativas destacam-se a Pastoral Afro-Brasileira, a Pastoral da Aids, a Pastoral dos Brasileiros no Exterior, a Pastoral Carcerária, a Pastoral da Comunicação, a Pastoral da Criança, a Pastoral Familiar, a Pastoral do Menor, a Pastoral da Sobriedade, a Pastoral da Saúde, a Pastoral Vocacional, a Pastoral

---

<sup>32</sup> ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *O que é pastoral*. Disponível em: [https://arqmariana.com.br/site\\_2019/noticia/1345/o-que-e-pastoral.html](https://arqmariana.com.br/site_2019/noticia/1345/o-que-e-pastoral.html). Acesso em: 10 jun. 2025.

<sup>33</sup> O Concílio Vaticano II fez com que a Igreja valorizasse o leigo em sua missão, tanto quanto a vocação sacerdotal. Assim, em 1965, o Papa Paulo VI promulgou o decreto *Apostolicam Actuositatem*, no qual se delinea a natureza e a missão do apostolado dos leigos na Igreja.

Litúrgica, entre outras. Cada uma delas atua de forma específica, direcionada a contextos de vulnerabilidade, exclusão ou necessidade de atenção especializada, promovendo o acesso a direitos, o fortalecimento comunitário e a valorização da vida. A atuação pastoral se fundamenta em princípios como a solidariedade, a justiça social, a escuta ativa e a corresponsabilidade, para isso, os agentes pastorais recebem além da formação contínua, o incentivo a trabalhar em rede, com planejamento e metas claras, o que possibilita ações mais eficazes e integradas.

Neste sentido, “O trabalho voluntário pode ser tomado como uma modalidade de ação militante, ao considerarmos militância adesão a determinada ‘causa’ e engajamento continuado em nome dela” (Gaxie, 1977, p.131, *apud* Anjos, 2008, p. 511).

Uma das nossas entrevistadas<sup>34</sup> na pesquisa foi Karla<sup>35</sup>, ela tem 56 anos, nascida e criada em Serrinha, cuja profissão é professora, graduada em letras e pós-graduada em educação inclusiva em libras e não tem filhos. Ela conta que a sua caminhada como fiel da igreja católica começou desde jovem, ela foi catequista, teve que se afastar por conta do trabalho e, ao retornar, se tornou monitora da infância missionária, mas na sua comunidade/bairro, na época, não deu certo. A pedido dela a religiosa Ester para que conseguisse outra coisa, outro trabalho em alguma pastoral, pois sentia o desejo de estar em outra pastoral que tivesse o seu perfil na oportunidade, Ester ofereceu a pastoral carcerária, na qual Karla atua até hoje.

Karla conta que, inicialmente, não conhecia bem o trabalho da Pastoral Carcerária. Em conversa com Ester, responsável pela pastoral na época, contou que o presídio da cidade havia sido recém-inaugurado, e que o grupo estava apenas começando sua missão. Ester comentou que precisavam de pessoas dispostas a colaborar, desde então, Karla se envolveu e nunca mais deixou a pastoral. Ela costuma dizer que não foi ela quem escolheu a Pastoral Carcerária, mas a Pastoral Carcerária que a escolheu<sup>36</sup>, expressando o sentimento de ter sido chamada para essa missão, quase como um destino.

Uma mulher que participa semanalmente da Pastoral Carcerária, oferecendo apoio espiritual e emocional aos presos, não está apenas ‘ajudando’, mas militando por uma causa: a dignidade dos encarcerados e a defesa dos direitos humanos. Essa

---

<sup>34</sup> Todas as entrevistadas estão com nomes fictícios para preservarmos suas identidades.

<sup>35</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

<sup>36</sup> Idem

ação envolve a luta pelo respeito à vida e à integridade física, pela garantia de atendimento à saúde, de alimentação adequada, de acesso à educação e ao trabalho, pelo direito à assistência religiosa, ao convívio familiar e pela efetiva individualização da pena, todos previstos na Constituição Federal e na Lei de Execução Penal.

Nesse contexto, é importante compreender que os direitos humanos garantem princípios fundamentais como o direito à vida, à integridade física e moral, à liberdade religiosa, ao acesso à saúde, à educação e ao tratamento digno, independentemente da condição social ou do crime cometido. As mulheres que atuam na pastoral carcerária buscam inserir esses direitos em suas ações cotidianas, seja na escuta e acolhimento, na denúncia de violações ou na mediação entre os presos e as instituições públicas, reafirmando que a condição de pessoa humana permanece mesmo diante da privação de liberdade. O trabalho voluntário, assim, deixa de ser apenas uma atividade assistencial e passa a ser visto como uma ação política e transformadora, na medida em que expressa um compromisso ideológico e continuado por uma causa coletiva.

Uma das entrevistadas, Rita de Cássia, é uma religiosa de 88 anos, prestes a completar 89 anos, é professora e afirma que sempre foi católica batizada no ano seguinte ao seu nascimento, seguindo a tradição herdada de seus pais. A religiosa conheceu a Pastoral Carcerária ligada à Diocese de Serrinha em 2007, mas seu primeiro contato com essa pastoral ocorreu em São Paulo, no ano de 2004, onde também iniciou sua formação para integrar-se ao trabalho pastoral. Ao chegar em Serrinha, atendendo a um convite da Irmã Ester, fundadora da pastoral na época, foi chamada a colaborar e respondeu com “muita alegria” ao convite, destacando que já trazia consigo uma pequena bagagem da experiência adquirida em São Paulo. Rita afirma que vê a Igreja Católica, fundada por Jesus Cristo, como uma instituição com falhas, mas cuja missão é essencial. Ressalta que sua relação com a Igreja é muito boa e que se empenha para que ela seja, de fato, uma Igreja santa<sup>37</sup>.

Essa modalidade de participação social reflete também as formas socialmente consagradas de atuação feminina nos espaços públicos, as quais, mesmo inseridas em estruturas historicamente masculinas, vêm fortalecendo a presença das mulheres em posições de visibilidade e poder. Seja na presidência de uma empresa, na liderança de movimentos comunitários, na política institucional, na condução de

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida por Rita de Cássia em 13 de abril de 2024, na cidade de Serrinha-Ba.

telejornais ou mesmo na narração esportiva, todas essas esferas, tradicionalmente dominadas por homens, evidenciam avanços importantes na ocupação feminina de lugares simbólicos de autoridade.

No âmbito das relações sociais e laborais, é essencial distinguir as atividades caracterizadas como ajudas daquelas que constituem trabalho recompensado. Tal diferenciação tem implicações jurídicas, sociais e éticas, especialmente quando se busca identificar a natureza de determinadas tarefas realizadas sem a formalização de um vínculo empregatício. As atividades enquadradas como ajuda referem-se àquelas realizadas de forma espontânea, voluntária e sem expectativa de ajuda financeira. Tais ações ocorrem, em geral, no seio de relações interpessoais pautadas pela solidariedade, pelo afeto ou pelo senso de dever comunitário ou familiar.

O termo cuidado, conforme discutido por Guimarães e Vieira (2020), é geralmente associado à obrigação de cuidar. As autoras analisam práticas que, embora não sejam remuneradas nem reconhecidas formalmente como trabalho, exercem impacto significativo na sociedade. Trata-se de ações realizadas por sujeitos e sujeitas, muitas vezes caracterizadas como ajudas, que revelam formas de participação social baseadas no vínculo, na responsabilidade e na solidariedade.

A presença de mulheres em cargos de liderança na Pastoral Carcerária revela uma atuação marcada pelo cuidado, pela escuta sensível e na luta para garantir melhor sobrevivência dentro do ambiente penal. Essa liderança se caracteriza não apenas pela organização prática das ações, mas também por uma dimensão afetiva e espiritual, que transforma o cuidado em uma forma de resistência frente à violência estrutural do sistema prisional. Conforme relata Karla, ex-integrante da coordenação da Pastoral na Bahia:

A presença feminina na Pastoral Carcerária é muito importante, porque já existe a discriminação com o próprio trabalho, e quando é mulher, essa discriminação aumenta. [...] Elas ali abraçam a causa como se fossem mães daqueles meninos, é amor de mãe mesmo<sup>38</sup>.

Ao refletir sobre sua motivação para atuar na Pastoral Carcerária, Rita de Cássia acrescenta:

Com certeza foi o amor para os mais pobres, porque eu me perguntei, eu me perguntei afinal que são os mais pobres? E cheguei à conclusão: os presos privados de liberdade, que não... não têm possibilidade de... de ter uma escolha qualquer. Tudo isso me fez pensar que são os mais pobres. Isso

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

sempre foi um pouco, assim, na minha escolha vocacional também, para vida doada... os mais pobres são, para mim, os privados de liberdade<sup>39</sup>.

Os relatos das entrevistadas elencam como o afeto como se constitui como elemento central na atuação das mulheres, O afeto se faz presente também por uma educação de gênero socialmente desigual que coloca a mulher nesse lugar do cuidado, diferente dos homens. É como se as mulheres, por serem mulheres, tivessem a obrigação de cuidar. No que se refere à organização interna da Pastoral Carcerária, pergunto às entrevistadas se há uma divisão de trabalho entre os homens e mulheres. Karla respondeu que: “Não existe, divisão não, ao não ser no presídio de Feira. Feira de Santana os homens vão para ala masculina e mulheres vão para ala feminina, só essa, não tem divisão, não tem diferença não”<sup>40</sup>.

É possível correlacionar essa dinâmica com o conceito de maternagem, entendido, no campo das ciências humanas e sociais, como um conjunto de práticas relacionadas ao cuidado, à escuta, à empatia e à atenção afetiva. Embora tais práticas não sejam exclusivas das mulheres, são historicamente atribuídas a elas, estando socialmente associadas à figura materna e aos papéis de cuidado no contexto familiar e comunitário.

Assim, ainda que não haja diferenciação formal nas atividades da pastoral, a atuação das mulheres tende, muitas vezes, a incorporar elementos simbólicos da maternagem. Essa atuação se manifesta, por exemplo, na escuta sensível, na promoção do acolhimento e no estabelecimento de vínculos de confiança com as pessoas privadas de liberdade. Dessa forma, a presença feminina na Pastoral Carcerária contribui para a humanização das relações dentro do sistema prisional, por meio de práticas que reforçam a dimensão afetiva e cuidadora do trabalho pastoral.

No senso moral construído na sociabilidade burguesa, as atividades derivadas do ato de cuidar tendem a ser atribuídas às mulheres e naturalizadas, de modo que aparecem como exclusivas e constitutivas da condição feminina. Ancorados nesse mesmo senso moral tradicional, valores como o altruísmo e atribuições como a maternagem manifestam-se no cotidiano das mulheres, materializando-se na forma de uma dupla jornada de trabalho (Guedes; Daros, 2009, p. 1221).

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida por Rita de Cássia em 13 de abril de 2024, na cidade de Serrinha-Ba.

<sup>40</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

Ao ser questionada sobre cuidado a entrevistada enxerga a pastoral carcerária como lugar onde exercem um papel de cuidado e porque, Karla respondeu:

Eu acho o papel de cuidado muito grande da... dessas mulheres não só das coordenadoras e das, das membras também porque é um trabalho que elas abraçam, abraçam e vejo que se preocupam muito com esses internos tem eles como filhos como acabei de falar<sup>41</sup>.

No Brasil, a Igreja Católica busca alcançar diferentes públicos por meio de sua atuação em diversos setores da sociedade, especialmente através das comissões pastorais. Nessas estruturas, destaca-se a presença significativa de mulheres em funções de liderança e coordenação, o que evidencia um movimento de reivindicação de voz e visibilidade no interior da própria Igreja e também no espaço social mais amplo. Essa atuação contrasta com o contexto da Igreja primitiva, quando, por longos períodos, as mulheres estiveram submetidas à autoridade dos homens, pais, maridos ou líderes religiosos, sendo historicamente excluídas dos espaços decisórios e da interpretação teológica.

Como aponta a teóloga feminista Ivone Gebara (1997), essa marginalização foi sustentada por construções culturais e eclesiais patriarcais que silenciaram a experiência feminina em nome de uma teologia androcêntrica. A crescente participação de mulheres nas pastorais, portanto, representa não apenas um engajamento religioso, mas também uma forma de resistência simbólica e transformação das estruturas eclesiais tradicionais.

Por muito tempo, as mulheres ficaram submissas de seus companheiros por questões socioeconômicas e pelo costume familiar, que ditava que o homem era quem deveria comandar, ou seja, os pais escolhiam os companheiros os quais as suas filhas iriam casar-se, sem ao menos se preocupar com seus sentimentos e suas expectativas:

Na década de 1950, os núcleos familiares eram, em sua maioria, compostos por pai, mãe e filhos, organizando-se sob a autoridade paterna, tanto do ponto de vista econômico quanto afetivo. Esse novo arranjo familiar consolidava definitivamente o espaço privado e o individualismo (Galano, 2006, p.124 *apud* Dessen, 2010 p. 204).

A partir da segunda metade do século XX, configurou-se uma nova etapa na participação social das mulheres. No âmbito das relações sociais, observou-se uma

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

transformação impulsionada por diversos fatores, como a ascensão de uma nova onda do movimento feminista, os avanços técnico-científicos e o progresso das ciências humanas. Esses elementos contribuíram não apenas para o reconhecimento de direitos, mas também para o reposicionamento das mulheres no espaço público, rompendo com os limites tradicionais impostos pelas estruturas patriarcais:

No âmbito das relações sociais, começava uma nova participação social da mulher, com a nova ascensão do movimento feminista, a revolução técnico-científica e o desenvolvimento acelerado de novas ciências, especialmente as humanas (Trindade, 2001 *apud* Dessen, 2010, p. 204).

A teologia feminista emerge como uma abordagem crítica e transformadora dentro do campo teológico, questionando interpretações tradicionais das Escrituras, da doutrina e da prática eclesial que historicamente marginalizaram ou silenciaram a experiência das mulheres. Inspirada por movimentos sociais, especialmente o feminismo e a teologia da libertação, essa vertente busca resgatar a dignidade, a autonomia e a espiritualidade das mulheres na vivência da fé cristã.

Ao denunciar a estrutura patriarcal presente na história da Igreja e em muitas de suas práticas, a teologia feminista propõe uma releitura das fontes da fé como a Bíblia, a Tradição e os dogmas a partir da perspectiva de gênero. Nomes como Elizabeth Schüssler Fiorenza, Ivone Gebara, Rosemary Radford Ruether e Mary Daly figuram entre as principais expoentes dessa corrente, cada uma contribuindo com abordagens que unem crítica social, epistemologia feminista e espiritualidade.

Segundo Fiorenza (1983) a teologia deve ser feita a partir de uma “memória subversiva”<sup>42</sup>, ou seja, uma recuperação das vozes e experiências das mulheres apagadas pela história oficial. Já Ivone Gebara<sup>43</sup>, escritora e religiosa referência na América Latina, enfatiza a importância de uma teologia que dialogue com as realidades concretas das mulheres pobres, negras, indígenas e marginalizadas, reconhecendo os múltiplos fatores de opressão que atravessam suas existências.

Mais do que apenas “incluir as mulheres” nas estruturas existentes, a teologia feminista propõe uma mudança de paradigma, que reconceba Deus, a Igreja, os ministérios e a comunidade cristã a partir de relações de equidade, justiça e

---

<sup>42</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Memória subversiva: uma reconstrução feminista da história cristã primitiva*. (São Paulo: Paulinas, 1988).

<sup>43</sup> ROSADO-NUNES, M. J. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 294–304, abr. 2006.

reciprocidade. Trata-se de uma teologia comprometida com a vida e a libertação de todas as pessoas, em especial das que foram historicamente invisibilizadas pela cultura patriarcal.

O Concílio Vaticano II (1964) reconheceu a dignidade da mulher e sua contribuição à missão da Igreja, embora sem promover mudanças estruturais quanto à sua participação nos ministérios ordenados. Em documentos como *Gaudium et Spes* e *Lumen Gentium*<sup>44</sup>, a mulher é reconhecida como parte do povo de Deus, chamada a viver sua fé no mundo e na comunidade eclesial.

O concílio Vaticano II (1965) surge com a teologia dos leigos que possibilitou a mulher uma transição mais participativa na vida da igreja. As comunidades eclesiais de base (CEB'S), tantas pastorais existentes, os movimentos femininos, são um exemplo da imersão da mulher na história da igreja no Brasil. Dentro da igreja, a mulher exerce atividades importantes como a catequização de seus filhos e também as carreiras religiosas, dessa maneira, é possível afirmar que a “mulher é corresponsável, junto com o homem, pelo presente e futuro de nossa sociedade humana”<sup>45</sup>.

### 3.2 PASTORAIS CARCERÁRIAS: HISTÓRIAS MARCADAS POR PRECONCEITOS, LUTA E RESISTÊNCIA

A pastoral carcerária, pastoral da igreja católica, é muito polêmica, sensível e complexa porque compreende e atua na realidade do cárcere brasileiro de forma cotidiana. Com o lema “Estive preso e vieste me visitar”, que se encontra em Mateus, capítulo 25 e versículo 36, é que a Pastoral Carcerária (PCr), ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) age junto às pessoas em privação de liberdade e suas famílias, que juntamente sentem e sofrem a dor do encarceramento.

De acordo com um levantamento feito pela própria Pastoral Carcerária, “O Brasil é um país que possui, atualmente, a terceira maior população carcerária do mundo”<sup>46</sup>, em crescimento acelerado desde o início dos anos 1990, mostrando uma desumana política de encarceramento que está em curso e que visam os grupos

<sup>44</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 29 e 31.

<sup>45</sup> Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*. Aparecida: CNBB, 2007, n. 453.

<sup>46</sup> A Pastoral Carcerária - Pastoral Carcerária (CNBB). Disponível em: <<https://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

sociais marginalizados e empobrecidos, destacadamente jovens negros e moradoras/es das periferias e das áreas urbanas socialmente mais afetadas e subalternas.

As conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), juntamente com o Concílio Vaticano II, tiveram como principal objetivo promover a modernização da Igreja Católica e aproximá-la dos fiéis diante dos desafios do mundo contemporâneo. Diante da crise provocada pelas transformações sociais e pelo afastamento dos fiéis, o Concílio Vaticano II adotou uma postura mais pastoral<sup>47</sup>, buscando tornar a Igreja mais acolhedora e sintonizada com a realidade das pessoas, favorecendo o diálogo e a participação de todos em sua missão.

A criação da Pastoral Carcerária, na década de 1970, deu-se no cenário de efervescência das conferências e das mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II, devido ao aumento da violência e as infrações aos direitos humanos no sistema penitenciário. Ela foi organizada com base nas vivências dos padres, religiosas e leigos engajados que realizavam visitas cotidianas com objetivo de levar apoio emocional no enfrentamento da violência presente nos presídios.

Na década de 1970, o Brasil vivia no contexto da ditadura militar, e diversas unidades prisionais estavam lotadas de pessoas comuns privadas de liberdade, mas também de presos políticos. Diante desse contexto de repressão, tortura e negligência institucional, a Igreja, com seus diversos movimentos vinculados como o Cursinho de Cristandade, os grupos de jovens, a Legião de Maria, a Sociedade de São Vicente de Paulo (Vicentinos) e o Movimento Familiar Cristão, sentiu-se convocada a assumir um papel mais ativo na missão evangelizadora, intensificando a assistência religiosa e pastoral no Brasil. A partir daí passou a atuar de forma mais estruturada junto às pessoas privadas de liberdade, fomentavam a realização de jogos e diversões, reuniões, cursos, reflexões bíblicas e realizavam celebrações litúrgicas e aconteciam as visitas aos presos e suas famílias.

A pastoral consolidou-se como uma das principais vozes críticas ao sistema prisional brasileiro, ela atua com base em três pilares: assistência espiritual, defesa

---

<sup>47</sup> A expressão atenção pastoral indica a opção do Concílio por uma Igreja mais voltada ao diálogo com o mundo contemporâneo, preocupada em escutar, acolher e responder às realidades concretas dos fiéis, superando uma postura puramente doutrinária.

dos direitos humanos e acompanhamento pós-prisonal. Critica abertamente o encarceramento em massa, a violência nas prisões e defende alternativas à prisão.

O Pe. Alfonso Pastore foi o primeiro padre a lutar pela criação da Pastoral Carcerária no Brasil, que surgiu com este nome com o trabalho de leigos e leigas na Arquidiocese de Vitória/ES nos anos 70. Seu trabalho foi árduo, até fazer com que a Pastoral fosse reconhecida pela Igreja no Brasil (Pastoral Carcerária/CNBB, 2022).

Nesse contexto, foi elaborada a primeira apostila voltada à formação da Pastoral Carcerária, desenvolvida pelo jesuíta padre Paulo Ruffier Iniciando sua atuação junto aos encarcerados, em 1962, na Casa de Detenção de São Paulo, Ruffier baseou-se na prática das visitas pastorais para construir o conteúdo do material. O documento, que viria a ter grande repercussão e utilidade em âmbito nacional, foi oficialmente publicado em 1972<sup>48</sup>.

A construção da Pastoral Carcerária como organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) não aconteceu de forma repentina, ela foi se dando aos poucos, por caminhos diversos, acompanhando as realidades específicas de cada diocese, prelazia<sup>49</sup> e regional. Esse processo foi profundamente influenciado pelo modo como as Igrejas locais se colocaram diante do sofrimento humano, em especial, destacou-se o compromisso com as pessoas privadas de liberdade, homens e mulheres muitas vezes esquecidos, marcados por profundas desigualdades sociais, econômicas e políticas. O engajamento dessas comunidades foi essencial para dar forma a uma pastoral comprometida com a justiça, a dignidade e a esperança.

Um marco importante na consolidação da Pastoral Carcerária foi o primeiro Encontro Nacional, realizado entre os dias 7 e 9 de agosto de 1973, no Rio de Janeiro. Esse encontro reuniu agentes pastorais de diversas partes do país, com o objetivo de partilhar experiências, refletir sobre a realidade carcerária brasileira e propor diretrizes comuns para a atuação pastoral nesse campo. Como resultado do evento, foi elaborado um relatório com as principais conclusões e propostas discutidas. Esse

---

<sup>48</sup> Como base na formação da Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha-Ba no dia 08 mar. de 2025 no Salão da Cúria Diocesana, foram exibidos slides que exibiam toda história da Pastoral Carcerária.

<sup>49</sup> Segundo o pároco da Paróquia Santo Antônio, em Iaciara (GO), padre Ary Ramos Filho, a prelazia é uma circunscrição territorial da Igreja Católica que é governada por um prelado, que geralmente é um bispo. A prelazia não tem um clero suficiente nem um território grandioso, sendo menor e atendendo a um propósito específico, como um grupo étnico ou uma determinada pastoral.

**Igreja se organiza em prelazia, diocese e arquidiocese...** Disponível em: <<https://www.paie-terno.com.br/2023/11/11/igreja-se-organiza-em-prelazia-diocese-e-arquidiocese/>>. Acesso em: 15 mar. 2025

documento foi publicado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) como o Documento de Estudos n.º 4, no ano de 1974, representando um importante passo na institucionalização da Pastoral Carcerária no âmbito nacional. (CNBB, 1974).

A atuação da Pastoral Carcerária no sistema prisional brasileiro vai muito além da assistência religiosa. É uma presença comprometida com a defesa para garantir o melhor o apoio e a tentativa a denúncia de violações recorrentes no interior dos presídios. Nesse sentido, sua relevância é destacada por Costa-Chicareli e Silva, ao apontarem que:

A Pastoral Carcerária firmou-se como organização nacional e internacionalmente reconhecida como órgão de acompanhamento e controle social dos presídios, por suas denúncias e por propor soluções construtivas de humanização do sistema criminal. Sob este aspecto, a Pastoral é o único organismo da sociedade civil organizada presente no dia-a-dia de quase todos os presídios do País (Pastoral Carcerária, 2010, p. 14, *apud* Costa-Chicareli; Silva, 2017, p. 167).

Irmã Rita de Cássia<sup>50</sup> conta as ações dessa Pastoral pelas Dioceses do Brasil:

Bom, nós temos uma coordenação nacional que trabalha muito bem, através de advogados, eu não posso dizer agora o nome, mas, eu sei que várias vezes eles se encontram com o ministro da justiça, por exemplo, pra ver o que fazer para que seja mais justo o sistema carcerário [...] enfrentar injustiça, e injustiças gravíssimas. Então, né, a pastoral nacional, através dos advogados, pessoas muito bem preparadas, tentam fazer de tudo para mudar algumas leis lá dentro, no sistema.

A dimensão sócio-política é transversal e atua na articulação das demais pastorais, promove a justiça social, a participação da população baseada na Doutrina social da igreja. Em depoimento, Karla<sup>51</sup>, integrante da Pastoral Carcerária, enfatiza a importância desse trabalho, destacando:

[...] A importância muito grande, é uma pastoral que ela acostuma dizer que é pastoral do medo, é a pastoral do preconceito, principalmente do preconceito, onde nós ouvimos sempre assim da sociedade: Vai para presídio defender bandido, estuprador, ladrão, maconheiro, isso, aquilo? Não, a gente não vai fazer isso, a gente vai visitar Jesus Cristo lá. Então, a sociedade recrimina e nós abraçamos. Porque é importante esse trabalho? Porque a vítima já tem família, tem a sociedade, tem os vizinhos, tem os amigos que acolhe e que abraça e o réu, e o preso, não têm, não tem esse apoio, então o apoio que ele encontra é de alguns da família, não são todos que o acolhe, e a pastoral carcerária. Às vezes, nem a própria família o acolhe. E aí entra a Pastoral Carcerária, como presença que escuta, acolhe e oferece dignidade.

---

<sup>50</sup> Entrevista concedida pela Irmã Rita e Cássia em 13 de abril de 2024, na cidade de Serrinha-Ba.

<sup>51</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

Nosso papel é mostrar que ninguém está completamente perdido, que todo ser humano tem valor, independentemente do erro que cometeu. Levamos não só uma palavra de fé, mas também o compromisso com a justiça, com a escuta e com a reconstrução da esperança. Porque acreditar na recuperação de alguém é um ato de amor, e é isso que nos move.

Esse depoimento destaca a dimensão sócio-política da Pastoral Carcerária, que luta contra o preconceito e na promoção da inclusão social dos privados de liberdade. Também ressalta a relevância espiritual, evidenciando o empenho da Igreja em favor dos marginalizados e afastados, buscando assegurar os direitos humanos e despertar a consciência sobre a situação do sistema penitenciário: a importância de tratar todos com dignidade, buscando alternativas ao encarceramento e possibilitando a ressocialização e reintegração social pautados no respeito, na escuta e na valorização da pessoa humana. A ação da pastoral, portanto, ultrapassa os muros das prisões ao provocar reflexões sobre justiça restaurativa, superação da cultura punitivista e efetivação da misericórdia como prática transformadora na sociedade.

Existem os enfrentamentos diários em volta da pastoral carcerária que confirma a subordinação, além da não aceitação pela sociedade que carrega medo, preconceito e muita falta de entendimento, como relata irmã Rita de Cássia<sup>52</sup>:

É porque é uma pastoral [que] não é muito entendida também. Na igreja é uma pastoral de fronteiras, nós sabemos um pouco que se coloca à disposição. Também nós não somos entendidos na beleza da nossa pastoral porque, falam assim, como é que vocês defendem bandido? Não é muito bem entendida, pastoral carcerária como fosse uma pastoral que tenta dar um respiro religioso aos presos, é uma pastoral que é vista como [se] nós [defendêssemos] os presos e sempre falam assim: e você não se coloca na parte da vítima, ou seja, você defender os responsáveis, mas, afinal da conta, e as vítimas? Vocês farão o que? Nós também sentimos a tragédia de vítima, né? Só que tem outras pastorais, tem a pastoral familiar, que vai ao encontro. Mas nós, quando pastoral carcerária, nós temos esse público, digamos, os presos, as famílias dos presos, que nos interessa [e] isso não é muito bem entendido. Paciência! Nós continuamos assim mesmo.

E é através dos preconceitos, medos e dos enfrentamentos que acontecem histórias marcantes que marcam a vida de muitas lideranças, agentes, da polícia, dos próprios presos, de quem trabalha nos presídios, cadeias e penitenciárias do país e do mundo todo. Karla descreve o enfrentamento, além do preconceito, mas no seu discurso ela traz uma interessante história de mudança de opinião/visão de um ex-

---

<sup>52</sup> Entrevista concedida por Rita de Cássia em 13 de abril de 2024, na cidade de Serrinha-Ba.

policial que está na condição de preso, ele acompanhou no período de seu exercício a atuação da pastoral carcerária dentro do presídio:

[...] Teve um preso, um policial que não vou citar aqui o nome. Ele disse assim: Karla, vocês podem dizer que vocês têm noção da importância do trabalho de vocês aqui? Mas, vocês não têm noção! Quando tava na ativa, tava na rua eu apontava: “Oh bando do sem ter o que fazer, defensor disso, daquilo” hoje eu estou aqui preso e hoje eu vejo a importância de vocês! Para mim não, não é que vocês não sejam importantes, que é. E muito. Hoje aprendi respeitar muito vocês, tenho visita, eu tenho minha esposa, minha vó, mas aqui tem irmãos que não tem ninguém. Fica esperando a quarta-feira para ver vocês, então, eu aprendi a respeitar muito esse trabalho de vocês aqui fora<sup>53</sup>.

Podemos perceber a mudança de visão do ex-policial que, quando estava como profissional que combate à criminalidade, fazia críticas severas ao trabalho da pastoral carcerária, mas, hoje, na condição de encarcerado, elenca o quanto é importante, valioso e sério o trabalho desta pastoral. O papel do trabalho da pastoral carcerária é de muita relevância pois intervém em ações resolutivas e intermediadoras tanto com encarcerado tanto com seus familiares. Esse trabalho é perpassado com muitas dificuldades, anseios, lutas, medos e enfrentamentos à violência no sistema prisional, além da ressocialização dos presos na sociedade:

Ressocializar é oferecer ao preso suporte necessário e eficaz para reintegrá-lo a sociedade, é buscar compreender os motivos que o levaram a praticar tais delitos, é dar a ele uma chance de mudar, de ter um futuro melhor independente dos fatos que ocorreram no passado (Souza, 2018, p. 62).

O trabalho desenvolvido pelas agentes que atuam diretamente na Pastoral Carcerária envolve desafios constantes, sobretudo no cumprimento das diretrizes e normas que servem como base no cuidado diante das situações encontradas. Esse aspecto é visível, por exemplo, nos relatos da entrevistada Karla<sup>54</sup>, demonstrou firmeza ao enfrentar situações delicadas no exercício de suas funções. A coordenadora descreveu como ocorre a articulação entre os setores do sistema prisional, incluindo o diálogo com diretores de presídios e com o trabalho conjunto de outras lideranças da Pastoral Carcerária em nível nacional. Ressalte-se que a estrutura da pastoral é organizada em três esferas de atuação: nacional, estadual e

---

<sup>53</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

<sup>54</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

diocesana, o que permitem alcançar uma rede de colaboração e apoio entre diferentes níveis operacionais.

Karla<sup>55</sup> sendo coordenadora da Pastoral Carcerária, relatou um episódio que evidencia a relevância do trabalho desenvolvido pela instituição no contexto prisional. Segundo seu relato, um custodiado que veio de outro município foi transferido para a cidade de Serrinha, ocasião em que sofreu um incidente que culminou em seu falecimento no hospital. Diante dessa situação, a família do detento foi prontamente acolhida, orientada e assistida pela equipe da pastoral.

A coordenadora ressalta que tal experiência configurou-se como um momento de profunda comoção, reforçando a compreensão de que a missão da Pastoral Carcerária transcende o acompanhamento dos internos, estendendo-se, de forma significativa, ao suporte integral às famílias, especialmente em situações de vulnerabilidade e sofrimento. Esse episódio reafirma o compromisso da pastoral em prestar assistência social, emocional e espiritual às famílias que, muitas vezes, encontram-se desamparadas frente às adversidades decorrentes da privação de liberdade de seus entes queridos.

Os líderes ou as líderes de pastoral são aquelas pessoas que ficam à frente, ou seja, com a responsabilidade de guiar, orientar e movimentar todo o processo perante a temática que as pastorais abordam. A maior parte dessas pessoas é composta por mulheres que, além de desempenharem os papéis de mães, esposas e responsáveis pelo lar, também lideram suas famílias e procuram conciliar suas atividades pessoais com as tarefas que realizam na pastoral. O cotidiano dessas mulheres é semelhante ao de muitas outras, sendo que algumas atuam como empreendedoras, professoras, artesãs ou agentes de saúde. Assim, é possível observar uma grande diversidade de profissões entre elas.

A partir do engajamento nas comunidades e pastorais, as mulheres passam adquirir os recursos que possibilitam o investimento em uma 'carreira militante'. É a "caminhada de comunidade" necessária a toda 'líder. [...], as mulheres 'vão se descobrindo aos poucos' como capazes de liderar e vão tomando para si ou recebendo outras atribuições no trabalho da igreja (Anjos, 2008, p. 519).

Com essa afirmação, Anjos (2008) salienta que as mulheres, como líderes de pastorais, conseguem, a partir desta liderança, ter vantagens em cargos dentro da

---

<sup>55</sup> Idem.

igreja, uma coordenação de uma pastoral, ou uma assessoria, um cargo maior, ou seja, buscando e influenciando outras mulheres e pessoas no desejo de fazer o mesmo. As mulheres são a maioria na liderança das pastorais, e com todo protagonismo essas mulheres não percebem a ‘fortaleza’ ou mesmo causam efeitos ou fazem a diferença na igreja, na sociedade, na família e no trabalho.

### 3.3 A PASTORAL CARCERÁRIA DE SERRINHA E A AÇÃO DAS MULHERES MILITANTES

A Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha teve sua origem com a visita do bispo Dom Ottorino Assolari (CSF) ao presídio da cidade, inaugurado em 2006. Motivado pela realidade que encontrou, Dom Ottorino sentiu o desejo de implantar a pastoral e, para isso, convidou uma freira missionária Irmã Ester foi atuante na Diocese para colaborar na sua criação.

Dom Otorrino<sup>56</sup>, ele recebeu o convite para conhecer o presídio na inauguração no final de 2006, aí, quando ele chegou de lá, ele sentiu a necessidade de ter uma pastoral carcerária, aí ele convidou a Irmã Ester para montar uma equipe e foi montada essa equipe aqui, aí, desde então, essa pastoral existe. Anos mais fraca, anos melhora, é como falei, a discriminação existe e a gente vive assim, é na luta.<sup>57</sup>

A formação da Pastoral Carcerária na Diocese de Serrinha teve como uma de suas principais referências a atuação da Irmã Ester, da Congregação das Irmãs de São José. Missionária no Brasil desde 1979 e vinda da Itália, ela se estabeleceu em Serrinha em 2005, juntamente com outras duas irmãs religiosas, com o propósito de contribuir para o trabalho social e comunitário na cidade e no campo.

---

<sup>56</sup> Dom Ottorino Assolari nasceu em 30 de janeiro de 1946, em Scanzorosciate, na Itália. Ingressou ainda jovem no seminário da Congregação da Sagrada Família, onde se formou em Filosofia e Teologia, com especialização em Teologia Pastoral pela Universidade de Latrão, em Roma. Foi ordenado sacerdote em 1973 e exerceu diversas funções na Itália e no Brasil, incluindo diretor de colégios e seminários, além de cargos de liderança em sua congregação. Em 21 de setembro de 2005, foi nomeado pelo Papa Bento XVI como o primeiro bispo da recém-criada Diocese de Serrinha, na Bahia, sendo sagrado bispo em novembro e tomando posse em dezembro do mesmo ano. Durante 15 anos de episcopado, Dom Ottorino priorizou a formação pastoral e espiritual, construindo e reformando centros educacionais, assistenciais e religiosos, como o Seminário Maior, o Centro Juvenil, a Casa do Menor, o Lar da Serenidade e a nova Cúria Diocesana. Realizou o Sínodo Diocesano e promoveu visitas pastorais a todas as comunidades. Recebeu os títulos de cidadão serrinhense e cidadão baiano. Ao completar 75 anos, tornou-se bispo emérito da Diocese.

<sup>57</sup> Entrevista de pesquisa concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

A chegada da comunidade religiosa coincidiu com a inauguração do Conjunto Penal de Serrinha, o presídio, que passou a receber presos de municípios da região, como Araci, Barrocas, Biritinga e Conceição do Coité. A nova realidade penal local evidenciou a necessidade de uma atuação voltada à humanização das relações dentro do sistema prisional. Sensibilizados por esse cenário, agentes da Diocese, sob orientação do bispo Dom Ottorino Assolari, propuseram em assembleia a criação de um grupo de visitas. A proposta resultou na organização de um coletivo de voluntárias que passou a visitar regularmente os detentos, oferecendo apoio emocional, solidariedade e espaços de escuta.

Essa iniciativa marca um momento importante na construção de uma atuação pastoral voltada aos direitos humanos, revelando a articulação entre ações religiosas e demandas sociais em contextos de vulnerabilidade.

A Pastoral se tornou uma ponte com os familiares que moravam longe e não tinham condições de visitar. Ao grupo se uniram novos membros que até hoje continuam com muita dedicação e carinho a missão. De minha parte, os anos que passei em Serrinha, na Paróquia da Catedral, foram ricos de experiências pastorais. Encontrei um povo acolhedor e aberto a servir e ajudar nas mais diferentes formas. Serrinha tem raízes históricas, culturais e religiosas muito profundas, que faz da terra uma terra onde quem chega se sente bem <sup>58</sup>.

A religiosa Ester nasceu em 10 de janeiro de 1950, em uma família de tradição católica. Concluiu o ensino secundário em seu país de origem e, desde jovem, esteve vinculada à Igreja Católica. Sua trajetória religiosa foi marcada por um engajamento contínuo que culminou na escolha pela vida consagrada. Em suas palavras, assumiu o compromisso de ser: "Irmã de cada homem e de cada mulher que encontrasse em meu caminho, sobretudo daqueles que são marginalizados"<sup>59</sup>.

Como já é de conhecimento, a religiosa relata ter conhecido a Pastoral Carcerária em 2005, quando recebeu o convite de Dom Ottorino Assolari, então primeiro bispo da recém-criada Diocese de Serrinha, para iniciar a Pastoral. O convite ocorreu no contexto da inauguração do Conjunto Penal de Serrinha, naquele mesmo ano, o que motivou a organização de ações pastorais voltadas ao acompanhamento das pessoas privadas de liberdade.

Eu não me sentia preparada sobretudo em relação às leis de execução penal e às várias infrações que existem nas prisões, não tinha nenhuma

---

<sup>58</sup> Entrevista concedida por Ester através de questionário *online* aplicado no dia 30 de jun. 2025.

<sup>59</sup> *Idem*

preparação e também porque sou bastante tímida e medrosa em relação aos conflitos e aí o conjunto penal é um espaço de muitos conflitos, mas confiando na força do Espírito Santo que ilumina e guia disse o meu sim sabendo que visitaria pessoas muitas vezes discriminadas e esperar no futuro melhor.<sup>60</sup>

É importante destacar, conforme Silva (2009, p. 74), que:

A Pastoral abarca outras questões temporais, como a fiscalização do cumprimento da LEP pelas autoridades penitenciárias, realiza a prevenção à tortura, denuncia as injustiças cometidas contra os presos, conscientiza a sociedade sobre os direitos dos presos, faz recomendações às autoridades competentes para a melhoria das condições de detenção etc.

A Pastoral Carcerária é uma das organizações que se articula em observância com base na Lei de Execução Penal (LEP), essa legislação estabelece os direitos das pessoas privadas de liberdade no Brasil. Portanto é uma pastoral que não só se fundamenta na religião, mas sinaliza a sociedade os direitos humanos, ao denunciar as violências e pressionar o Estado para garantias legais previstas na LEP.

A Lei de Execução Penal (LEP), instituída pela Lei nº 7.210/1984, foi criada com o objetivo de regulamentar a execução das penas privativas de liberdade, assegurando direitos e deveres tanto para os apenados quanto para o Estado. No entanto, a realidade dos presídios brasileiros frequentemente contrasta com esses preceitos legais. (Perreira; Junior, 2024, p.13)

A religiosa relata, como a Pastoral Carcerária em Serrinha se estruturou em seus primeiros anos:

A Pastoral Carcerária visitava a Delegacia e o Conjunto Penal levando a palavra de Deus, escutando suas angústias suas reclamações as dores e dava notícias aos familiares que não podiam visitar. Entrávamos em contato com a Defensoria Pública apresentando a situação de presos que não tinha condição de ter advogado, ajudávamos com passagens os egressos como também acompanhamento na volta para se inserir na sociedade. A Pastoral Carcerária tem um papel fundamental na sociedade porque o preconceito a marginalização é muito forte e enraizada no tecido social em relação a quem fez a experiência ou da delegacia ou da prisão. Os egressos encontram muitos caminhos fechados até na própria família e no setor de trabalho a Pastoral procura ajudar o preso a ter confiança em si mesmo e ter autoconfiança na força de recomeçar uma nova vida.<sup>61</sup>

Como observa Silva (2009, p. 62) “O direito do preso de comunicar-se com o exterior inclusive com os familiares e amigos, e para ressocialização, é mister esse contato”. O depoimento da irmã Ester enfatiza que a ressocialização das pessoas

---

<sup>60</sup> Idem

<sup>61</sup> Entrevista concedida por Ester através de questionário *online* aplicado no dia 30 de jun. 2025.

privadas de liberdade é um processo fundamental na missão da Pastoral Carcerária. Os relatos explanam a preocupação dos agentes e das agentes em preparar os egressos ao retorno a sociedade.

No Brasil, a lei de Execuções penais dedica um título inteiro à regulamentação dos estabelecimentos penais, trazendo disposições gerais sobre esses estabelecimentos, os quais destinam-se à execução da pena privativa de liberdade; à execução da medida de segurança; à custódia do preso provisório e aos cuidados do egresso. Categorizando-os conforme sua finalidade (Almeida, 2002, p. 10).

A religiosa relata um tenso e emocionante momento durante sua vivência na pastoral Carcerária, quando houve uma rebelião no presídio de Serrinha e faz uma profunda crítica ao sistema prisional por não cumprir sua função ressocializadora ao contrário, muitas vezes reproduz e agrava a exclusão social, perpetuando ciclos de violência:

O acontecimento marcante na Pastoral foi quando não lembro o ano não sei se era 2010 ou 2011 que teve uma grande rebelião no presídio de Serrinha e a Pastoral foi chamada para mediar para ajudar a estabelecer a paz, foi para mim um acontecimento forte. Marcante assim como a alegria de ver nossos irmãos presos que voltam a liberdade para poder recomeçar a viver uma nova vida. O maior enfrentamento me parece ser o sistema prisional como ele é, que não educa ninguém porque violência gera violência, seja violência física seja violência emocional<sup>62</sup>.

É crucial refletir sobre a realidade dos presídios no Brasil e a circunstâncias de diversos estabelecimentos penais. Diante de tais reflexões em torno de notórias precariedades das estruturas físicas, marcadas muitas vezes pela superlotação, ausência de condições mínimas e dignidade humana. É por falta dessas importantes condições mínimas que Irmã Ester denuncia, através de suas palavras:

A vida no presídio é muito agressiva para o ser humano. Me dóia o coração ver como o ser humano é tratado, falta de respeito de cuidado, de atenção, superlotação falta de higiene sem luz sem ar uma grande insalubridade às vezes tortura e castigo. Primeiro a Pastoral Carcerária no Brasil procura antes de tudo promover a dignidade humana, assim como a justiça dentro dos presídios, luta por uma sociedade sem grades sem prisões<sup>63</sup>.

O relato aponta que esses casos não são isolados. A função do sistema prisional deve se pautar na garantia dos direitos fundamentais e humanos,

---

<sup>62</sup> Idem

<sup>63</sup> Idem

assegurando condições mínimas de dignidade, segurança, saúde, educação e trabalho, com o objetivo de promover a ressocialização dos indivíduos privados de liberdade.

No entanto, observa-se que muitas unidades prisionais enfrentam superlotação e apresentam ambientes degradantes, marcados por insalubridade, violência institucional e ausência de políticas públicas eficazes. As condições precárias de higiene, a falta de cuidado e assistência médica, bem como a carência de segurança e educação, revelam um cenário de enorme negligência por parte do Estado.

O artigo 88 da LEP trata da forma em que se deve ser alojado o condenado, prescrevendo cela individual, aparelho sanitário, lavatório, uma área mínima de 6 m<sup>2</sup> em um ambiente onde devem ocorrer fatores como aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana. [...] Na prática, sabe-se que se acumulam vários presos em única cela, ambiente propício à promiscuidade, homossexualismo<sup>64</sup>, abuso sexual e toda sorte de violência, transformando a possível regeneração em degeneração constante. Devemos ressaltar também que, quanto à estrutura dos presídios, há a recomendação das regras mínimas da ONU que o limite máximo de capacidade para cada estabelecimento fechado seja de 500 presos. Esta quantia foi estipulada porque se considerou impossível cuidar de um número maior de presos sem que se gerem conflitos, insegurança, e dificuldade para se manter a disciplina (Almeida, 2002, p.19).

Como já foi discutido sobre as condições físicas das áreas de espaços penais, um interessante aspecto a destacar é a presença do presídio em Serrinha. Inicialmente, sua instalação gerou espanto e preocupação entre os moradores, mesmo antes da sua construção, hoje é de costume, a população temia com vinda do conjunto penal na cidade e que suas residências poderiam ser invadidas, o que servia como um estímulo ao medo de simplesmente “botar a cara na frente de casa”<sup>65</sup>, como muitos costumavam dizer. No entanto, quando o presídio foi finalmente instalado, surpreendeu a população pela qualidade de sua organização e infraestrutura e tornou-se parte da rotina da cidade. O conjunto penal de Serrinha fica aproximadamente localizado na:

Br 116 KM 407, distrito de Carnaúbas. É destinado à custódia de presos que cumprem pena em regime fechado, bem como de presos provisórios, nas

---

<sup>64</sup> O termo homossexualismo, utilizado no passado, foi considerado ofensivo e inadequado, sendo associado a doenças e distúrbios, caracterizando a homossexualidade como patologia, portanto, com a evolução do conhecimento científico, psicológico e social a Organização Mundial de saúde (OMS) retirou o termo da classificação internacional de doenças (CID) em 1990, desde então o termo adequado passou ser homossexualidade. (OMS, 1990).

<sup>65</sup> Ditado popular sem autoria definida.

seguintes circunstâncias: I- presos provisórios provenientes das comarcas de Araci, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Serrinha e Teofilândia. II- Presos provisórios ou condenados em regime fechado, provenientes de todas as comarcas da Bahia, cuja medida se justifique no interesse da segurança pública ou do próprio preso; III- presos condenados ou provisórios, provenientes de todas as comarcas da Bahia, submetidos ao Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) conforme o disposto no Provimento da Corregedoria Geral de Justiça n° PROVIMENTO CGJ N.º 01/2023. Alterado pelo Provimento N°07/2023-GSEC<sup>66</sup> (Bahia, 2023).

Sobre estar localizado um pouco distante da área urbana, o conjunto penal de Serrinha foi construído conforme prevê a Lei de Execução Penal, no artigo 90: “A penitenciária de homens será construída, em local afastado do centro urbano, à distância que não restrinja a visita” (Brasil, 1984). Essa medida garante a segurança e o proteção da população, enquanto também assegura prevenir possíveis fugas, garantindo que a distância não impeça o direito à visita.

Conforme destaca Silva (2009, p. 74), “A PCR<sup>67</sup> é um órgão extralegal de visita, o que quer dizer que faz as visitas espontaneamente, como serviço voluntário em favor dos encarcerados”. Dessa forma, busco compreender, por meio das entrevistas, quais são as ações concretas realizadas pela Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha em sua prática pastoral:

Uma das ações, a principal, é a visita lá ao presídio e a delegacia, a delegacia dia de terça ao presídio dia de quarta. A outra visita os familiares daqui de Serrinha, no caso, aí quando tem de outra paróquia que a gente tem conhecido, aí pede para gente visitar ou a gente liga daqui, são praticamente esses dois papéis da visita tanto delegacia, tanto no presídio<sup>68</sup>.

Karla descreveu como a Pastoral carcerária está estruturada principalmente nas visitas às pessoas privadas de liberdade, destacando que os dois principais papéis da pastoral são justamente essas: as visitas e o acompanhamento aos familiares. Reforçando o compromisso com a escuta, e incentivando as famílias no processo de participação na ressocialização desses sujeitos e sujeitas.

Irmã Ester enfatiza o compromisso durante sua participação: “Na Diocese de Serrinha faz dois anos que não estou mais, as ações eram de visita semanal, contato com as famílias, ações junto à Defensoria Pública e com advogados”.<sup>69</sup>

<sup>66</sup> Conjunto Penal de Serrinha | Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização. Disponível em: <<http://www.seap.ba.gov.br/pt-br/unidade/conjunto-penal-de-serrinha>>. Acesso em: 01 jun. 2025.

<sup>67</sup> PCR - Pastora Carcerária.

<sup>68</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

<sup>69</sup> Entrevista concedida por Ester através de questionário *online* aplicado no dia 30 de jun. 2025.

Em seu depoimento, a irmã Rita de Cássia explica sobre a sua atuação:

É então, eu atuei bastante na pastoral carcerária, a nossa visita ao presídio semanal era sempre e... nós visitamos muitas famílias, porque atrás de um preso literalmente tem uma família que sofre, uma família que se sente extremamente, assim, às margens da sociedade por causa filho, da filha preso. Então penso que foi isso que me marcou muito, o... então essa vontade de poder é... visitar eles, entender mesmo agora com minha idade é... que tudo é pouco, mas e deixado do lado porque não consigo mais visitar o... o presídio todos dias se fosse por minha vontade... porque vejo o quanto eles precisa de uma boa palavra, sabe? Uma palavra de ânimo! Uma palavra de esperança! Pra eles é fundamental na situação que se encontra.<sup>70</sup>

As ações da Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha, como enfatizadas aqui nos depoimentos das agentes Karla, Irmã Ester e Irmã Rita de Cássia, expressam uma atuação comprometida e que não se limitam apenas em interceder, mas de buscar, através da fé, religião e coragem para dialogar, denunciar e sobretudo buscar alternativas nas resoluções de problemas:

A Igreja, como se sabe, vem de uma tradição histórica de atuar em defesa dos humilhados, dos pobres, dos presos, em não se circunscrever somente na espiritualidade, mas atuando em outros caminhos, conciliando obra e fé, ação e espírito. Não se trata de se acomodar, querer resolver os problemas do mundo por meio de preces, mas atuar agindo, fazendo sua parte, visitando o sistema, em vez de permanecer distante, desconhecadora do que se passa 'no lado de dentro dos Presídios'. Com a Pastoral, a Igreja visita os presídios e cadeias, fiscaliza-os, defende os direitos dos presos, toma um partido (Silva, 2009, p. 74).

No caso da atuação da Pastoral Carcerária nas diferentes dioceses, é possível perceber que cada grupo precisa adaptar suas formas de trabalho de acordo com a realidade de cada unidade prisional seja presídio, penitenciária ou outro local de detenção. Essas adequações dizem respeito tanto à estrutura física quanto ao cumprimento de normas institucionais e protocolos de segurança.

Agora sim, em outras dioceses, tem muitas dioceses melhor de trabalhar do que aqui, porque aqui em Serrinha é um presídio, é um presídio diferenciado. É um presídio de segurança máxima. Não entra merenda, não entra comida, não entra roupa, não entra nada, os outros presídios agora mesmo nesta época de natal, fazem confraternização leva bolo, panetone, guaraná e aqui a gente não pode fazer isso, não entra nada. A não ser na delegacia, aqui a gente não consegue entrar com nada, a não ser um recado<sup>71</sup>.

<sup>70</sup> Entrevista concedida por Rita de Cássia em 13 de abril de 2024, na cidade de Serrinha-Ba

<sup>71</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

Então, na Diocese de Serrinha é... e assim muitos dos nossos de Serrinha não presos aqui, porque aqui é... um presídio de máxima segurança então vem aqueles que comentaram coisas gravíssimas e muitos da nossa Diocese está em Feira de Santana ou então em Salvador, então isso prejudica bastante, nós não temos condições, embora nós tínhamos começado 5 anos atrás antes do covid, de uma presença real lá em Feira de Santana... não conseguiam dar conta de tudo, mas, de todo jeito, quando ficamos sabendo que tem presos da nossa Diocese informamos o pároco, ou pároco ou alguém da pastoral carcerária que sabemos que se encontra naquela determinada paróquia. Para que se interesse ou para que possa visitar as famílias, possa fazer alguma coisa para vim ou o caso de ir, no caso ou Feira ou Salvador, para visitar as...os presos ou as famílias, e isso importante sim!<sup>72</sup>

Nesse sentido, a experiência em Serrinha revela desafios particulares. Apontando uma limitação maior, impossibilitando momentos de entretenimentos. Momentos esses que fazem esquecer da realidade da vida carcerária.

[...] o que leva a entender-se que o significado da vida carcerária não se resume a mera questão de muros e grades: ele deve ser buscado através da consideração de que a penitenciária é uma sociedade dentro da sociedade, uma vês [sic] que nela foram alteradas numerosas feições da comunidade livre (Oliveira, 2002, p. 12).

Conforme o relato da entrevistada Karla, a atuação da pastoral é acompanhada por sacerdotes que exercem o papel de assessores, com a responsabilidade de orientar, acompanhar e fortalecer as ações da pastoral. Ela destaca o histórico de envolvimento da diocese com a Pastoral Carcerária, mencionando alguns sacerdotes que exerceram a função de assessores ao longo dos anos.

O padre Aroldo dos Santos Carneiro, natural de Capela do Alto Alegre-BA, foi assessor diocesano entre os anos de 2007 e 2008. Ordenado em 2006, passou por diversas paróquias, como Conceição do Coité, Quijingue e Valente; realizou missão em Cachoeiro de Itapemirim e atualmente é pároco da Paróquia do Bom Pastor, em Serrinha. O padre Gildvan de Oliveira, nascido em Teofilândia-BA, foi ordenado em 2015 e atuou como assessor da Pastoral Carcerária por nove anos consecutivos, de 2016 a 2024 — todo o seu tempo de sacerdócio até então. Ele já serviu nas paróquias de Conceição do Coité, Ichu e Salgadália, foi assessor das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da diocese, e atualmente é pároco em Santa Luz. Já o padre Jota de Oliveira Silva, natural de Serrinha e ordenado em 2017, atuou nas paróquias de Lamarão e na Catedral de Serrinha, além de ter sido administrador do Centro Juvenil

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida por Rita de Cássia em 13 de abril de 2024, na cidade de Serrinha-Ba.

construído por Dom Ottorino na cidade. A partir de 2025, assume a função de assessor diocesano da Pastoral Carcerária<sup>73</sup>.

Dessa forma, observa-se que a Pastoral Carcerária da Diocese de Serrinha tem contado, ao longo dos anos, com o acompanhamento comprometido de diversos sacerdotes que, por meio de sua assessoria e atuação pastoral, contribuem significativamente para o fortalecimento da missão da Igreja junto às pessoas privadas de liberdade. Esse engajamento, marcado pela presença ativa de leigos e, em especial, de mulheres movidas no papel fundamental na militância pelos direitos humanos e na luta por dignidade dentro e fora dos presídios. É nesse contexto que emerge a importância de compreender o protagonismo feminino na Pastoral Carcerária, não apenas como colaboradoras, mas como verdadeiras agentes de transformação social.

### 3.4 AS MULHERES MILITANTES

A historiadora e feminista Joan Scott aponta que a história das mulheres não busca apenas inclusão, mas reconstrução epistemológica, propondo novas formas de compreender os sujeitos, os discursos e os processos históricos. Esse deslocamento é fundamental para compreender o surgimento e a força do movimento feminista nos anos 70:

Afirma ainda que a história das mulheres tem uma força política potencialmente crítica, uma força que desafia e desestabiliza as premissas disciplinares estabelecidas, principalmente, porque este tipo de história questiona a prioridade relativa dada à 'história do homem', em oposição à 'história da mulher' e desafia a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto desta ciência – o Homem Universal. Sua força ecoou e contribuiu para o discurso da identidade coletiva que tornou possível o movimento de mulheres da década de 1970 (Scott, 1994, p. 81-83 *apud* Siqueira, 2008, p. 113).

O debate de gênero tem sido como uma ferramenta analítica indispensável para compreender as relações sociais, especialmente no que diz respeito à distribuição de poder, papéis sociais e acesso a direitos. A partir das reflexões de autoras como Scott (1995)<sup>74</sup>, entende-se que o gênero ultrapassa a ideia de uma

---

<sup>73</sup> Informações que constam no Anuário da Diocese de Serrinha 2025.

<sup>74</sup> SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99,

diferença meramente biológica entre homens e mulheres, revelando-se como uma construção histórica e cultural que organiza hierarquias e legitima desigualdades (Scott, 1995). Nesse sentido, analisar a atuação das mulheres em espaços tradicionalmente marcados por uma lógica patriarcal, como a Igreja, torna-se necessário para dar visibilidade a trajetórias muitas vezes invisibilizadas ou talvez deixadas de lado.

A Pastoral Carcerária, vinculada à Igreja Católica, representa um espaço significativo de engajamento social e de defesa dos direitos humanos, especialmente no contexto do sistema prisional brasileiro, marcado por violações e desumanização. Ao investigar a atuação das mulheres na Pastoral Carcerária de Serrinha, é fundamental compreender como elas percebem seu próprio lugar e a forma como são reconhecidas dentro desse espaço de militância religiosa e social. A noção de poder, muitas vezes entendida sob uma perspectiva tradicional ligada à autoridade formal e hierárquica, pode não corresponder à experiência concreta dessas mulheres.

No diálogo a seguir, a entrevistada Karla expressa sua visão sobre o poder feminino na pastoral, destacando a complexidade dessa questão:

Poder? Não. As mulheres, o poder que tem é quando tá à frente mesmo, e ali é bem respeitada tanto como fosse homem, mas lá dentro é a mesma coisa quanto homem, quanto mulher. Mas eu acho quando é mulher o respeito é mais da parte dos internos, o respeito acredito que seja mais, eles respeitam mais!<sup>75</sup>.

Esse depoimento salienta que, apesar da dificuldade em nomear o que é exercido como “poder”, as mulheres são reconhecidas e respeitadas, inclusive em relação aos homens, pelo compromisso e pela presença que assumem. Essa percepção abre espaço para discutir formas não convencionais de poder e liderança, especialmente quando associadas à categoria de gênero, e para refletir sobre como o respeito recebido pode estar imbricado nas dinâmicas de gênero presentes na pastoral e no sistema carcerário.

Ao refletir sobre a dinâmica da liderança na Pastoral Carcerária, destaca-se uma questão central acerca da presença feminina e das condições que favorecem essa predominância. Karla destaca que, apesar da participação significativa de

---

jul./dez. 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

<sup>75</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA.

homens em posições importantes como advogados, vereadores e profissionais diversos, as mulheres constituem a maioria dos membros ativos na pastoral. Sua justificativa aponta para um fenômeno social mais amplo: “eu acredito que a mulher tenha mais tempo que o homem, a mulher se colocar... é na igreja como no todo a mulher se coloca mais à disposição e na pastoral não é diferente, é mais mulher mesmo”<sup>76</sup>.

Esse depoimento suscita uma análise crítica sobre a divisão sexual do trabalho e o papel socialmente atribuído às mulheres, especialmente no âmbito dos cuidados e do voluntariado religioso. A percepção de que a mulher dispõe de mais tempo para se dedicar às atividades pastorais revela não apenas uma questão individual, mas a consequência de um sistema social que atribui às mulheres a responsabilidade pelo cuidado, pela manutenção das relações e pela dedicação ao serviço comunitário.

Vale destacar o comentário da Irmã Ester, que oferece uma perspectiva importante sobre a presença feminina na Pastoral Carcerária. Segundo ela, as mulheres possuem uma sensibilidade maior em relação às dores humanas, o que contribui para o cuidado, carinho e amor presentes nessa missão. Ela observa que, em Serrinha, não havia experiência anterior de atuação feminina na pastoral, que até então era composta apenas por homens, seja na delegacia ou no presídio. Para a Irmã Ester, essa diferença de abordagem é significativa, pois as mulheres, pela própria natureza de cuidar e sentir as dores do outro, apresentam uma visão mais ampla e integrada para enfrentar os problemas e conflitos.

A relação que eu vejo é que as mulheres têm uma maior sensibilidade com as dores humanas. Para mim é ótimo não existe. Sim a Pastoral Carcerária é um lugar privilegiado de cuidado de carinho e de amor mais mulheres pela própria pela própria natureza de ser um ser que cuida e sensível as dores das pessoas não tem experiência em Serrinha porque era só homens seja na delegacia seja no presídio. Com certeza porque o jeito a forma de enfrentar os problemas e os conflitos nós mulheres conseguimos me parece ter uma visão mais ampla e de conjunto<sup>77</sup>.

Torna-se necessário refletir sobre como o patriarcado não apenas oprime, mas também forma e orienta subjetividades femininas, inclusive na militância religiosa. Um episódio relatado por Karla lança luz sobre esse dilema e nos convida a pensar como determinadas crenças e afetos, mesmo os mais nobres, como a empatia, podem ser

---

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> Entrevista concedida por Ester através de questionário *online* aplicado no dia 30 de jun. 2025

moldados por uma cultura que relativiza a violência contra as mulheres e, em alguns casos, transfere a culpa para as próprias vítimas:

Eu não diria mais marcante porque são tantas, são tantas... um dia eu esqueci aqui em casa minha carteira ou no dia, é... nesse mesmo dia minha sandália quebrou, só que nesses dias desta semana que a gente foi, tava o comentário que chegaram alguns presos perigosos de Santo Antônio de Jesus nessa época: 'mulher você é doida ir pra lá visitar esse povo'? Enfim aconteceram esses dois imprevistos: esqueci a carteira, minha sandália quebrou. Lá na entrada do presídio me deram uma sandália, entrei... quando nós entramos, nós fazíamos a visita corpo a corpo, a gente entrava sentava com eles uma pessoa entra com o caderno e caneta, entrava que hoje não entra mais. Ai anotando: você é de onde? Antônio, de onde Antônio? Salvador e você? João! De onde João, de Feira? E você? Fulano de Santo Antônio de Jesus. Eu gelei! Misericórdia! Será que vai acontecer comigo hoje? Com tanto imprevisto! Aí continuei escrevendo ali tremendo, tremendo para que ele não percebesse, tentar disfarçar, fui ali para outra mesa 'vou vencer esse medo', aí voltei para essa mesa que ele estava 'E você, como está esse processo, as visitas?' Aí ele começou a me falar a situação dele, que a gente não pergunta que ele fez, o porque ele está ali, mas ele começou me falar: 'Agora já estou tendo visitas dos meus filhos que eles não queriam me visitar porque matei a mãe deles.' Mas ele passou a contar porque matou: ele saiu para trabalhar, esqueceu o celular e voltou para pegar, quando voltou para pegar... a mãe, a mulher dele, tava com outro na cama. Aí esse outro fugiu pegando o celular dele e ele pegou luta corporal com a mulher, um jogou a pá o outro jogou a cadeira e ela veio a falecer e o olho dele costurado... costurado, por causa dessa briga corporal. E aí fiquei com a pena dele ali, eu ... eu achei que ele foi vítima porque ele não premeditou aquilo, ele saiu para trabalhar e esqueceu o celular, entendeu? Aí, mas a gente tem tanta... tanta... assim... história, tantos acontecimentos <sup>78</sup>.

Isso permite discutir a internalização do machismo por parte das mulheres, especialmente aquelas socializadas em contextos religiosos e de acolhimento. O episódio mostra que mulheres podem se sensibilizar com a dor do agressor, mas não necessariamente com a mulher assassinada, o que é um reflexo claro de como o patriarcado atravessa até mesmo práticas de cuidado. Neste uso, o foco não está na moralidade do julgamento dela, mas na disposição de estar presente, ouvir e acompanhar. A visita a um homem que confessou ter matado a esposa se torna uma oportunidade para refletir sobre como as mulheres militantes precisam negociar constantemente entre empatia, medo, responsabilidade e convicção.

Ao afirmar que “a dominação masculina se impõe como evidente e natural para os dominados como para os dominadores” (Bourdieu, 2010, p. 11), o autor revela um dos mecanismos mais sutis e eficazes do patriarcado: a sua naturalização. A força dessa estrutura reside justamente no fato de que ela é vivida cotidianamente como

---

<sup>78</sup> Entrevista concedida por Karla em 12 de dezembro de 2024, na cidade de Serrinha-BA

algo “normal” e até legítimo, inclusive por aqueles que são por ela oprimidos. No caso das mulheres, essa interiorização da dominação masculina não significa necessariamente submissão consciente, mas sim uma formação afetiva e simbólica marcada por valores patriarcais, que se manifestam nas percepções morais, nos julgamentos e até mesmo na compaixão.

No relato de Karla, observa-se essa lógica quando, diante de um feminicídio confessado, ela não questiona a violência em si, mas volta seu olhar empático para o agressor, buscando compreender sua dor e o contexto do crime. Esse deslocamento do foco da vítima para o autor do crime é um exemplo claro do que Bourdieu aponta: a dominação se torna eficaz quando parece natural. Mesmo em um espaço de escuta e cuidado como a Pastoral Carcerária, essa lógica se reproduz, mostrando como o patriarcado atravessa inclusive práticas de solidariedade e fé, moldando a sensibilidade de forma muitas vezes imperceptível.

Diante da pergunta sobre a importância da liderança das mulheres no contexto pastoral, Rita de Cássia oferece uma reflexão que revela tanto a centralidade da atuação feminina quanto as contradições presentes nas estruturas da Igreja. Sua resposta, marcada por pausas e risos discretos, evidencia uma consciência crítica sobre o lugar simbólico e prático das mulheres nas pastorais. Mesmo sem ocupar os cargos formais de poder, as mulheres sustentam boa parte das ações:

Eu... penso assim que se nós tirarmos as mulheres de toda pastoral fica bem pouco, não é que quero falar mal dos homens, muito por ao contrário, mas na igreja as mulheres são fundamentais o poder (risos) o poder da igreja, as mulheres não são padres, não são diaconais, o poder está nas mãos para nós, interessa pouco, porque afinal da conta eu penso é... eu me dei conta que assim é... que o mais belo poder é o serviço e no serviço as mulheres pode trabalhar quanto e como quiser, de certo forma não precisamos ter poderes para poder trabalhar no serviço, essa é a minha visão, as mulheres são fundamentais na nossa e vejo também na nossa sociedade as mulheres estão pegando mais força agora e quem sabe as mulheres presentes melhoram muito, até a questão política, até a questão política e social, sim! Viva as mulheres nesse sentido. Por que nós mulheres sempre damos aquele toque aquela visão, aquela sensibilidade, que talvez falta pouco no campo masculino. É bom, é muito bom que a mulher consiga pegar o lugar delas. Muito bom!<sup>79</sup>

Sua fala desconstrói, de forma sutil, a ideia tradicional de poder e autoridade religiosa. Ao dizer que ‘o mais belo poder é o serviço’, ela reposiciona a noção de liderança para uma dimensão afetiva, onde o cuidado e o compromisso social fazem

---

<sup>79</sup> Entrevista concedida pela Irmã Rita de Cássia em 13 de abril de 2024, na cidade de Serrinha-Ba

com que a hierarquia que Igreja proporciona muitas vezes é deixada de lado, mesmo dando com pouca ênfase, indiretamente ela reconhece a necessidade de uma divisão mais igualitária de poderes na sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender a atuação de mulheres nas Pastorais Carcerárias em níveis nacional, estadual e, sobretudo, no contexto da Diocese de Serrinha. A partir da análise documental, da leitura bibliográfica e das entrevistas foi possível evidenciar a dimensão oral, vivencial e comunitária da Pastoral Carcerária, revelando que a liderança é exercida, em sua maioria, por mulheres que assumem esse espaço com sensibilidade, firmeza e profundo compromisso com os direitos humanos.

A história das cidades que compõem o território do Sisal, especialmente em regiões como Serrinha, não pode ser contada sem reconhecer a presença marcante da Igreja Católica. Desde os primeiros registros históricos, a Igreja foi uma das instituições que estruturaram a vida social e cultural local, atuando tanto no campo da espiritualidade quanto na vida de pessoas através de ações pastorais e através de paróquias, comunidades e movimentos pastorais, a Igreja se enraizou no cotidiano das populações. Sujeitos e sujeitas: padres, religiosas, leigos e, em especial, mulheres foram protagonistas nessa trajetória.

Ao escolher olhar para essa história, não se trata de ignorar ou invalidar a presença de outras expressões religiosas, que também têm seus méritos e contribuições. O território do Sisal é religiosamente diverso e marcado por uma convivência plural.

Ao longo da pesquisa, observou-se que essas mulheres constroem formas de liderança que não se baseiam somente na hierarquia da Igreja, mas quebrando paradigmas, no cuidado e na presença junto às pessoas privadas de liberdade e suas famílias. Esse protagonismo feminino resiste às estruturas patriarcais da Igreja e da sociedade, caracterizando militância e resistência.

A experiência das agentes pastorais entrevistadas demonstra que a atuação feminina é central para a continuidade e vitalidade da Pastoral Carcerária. Mesmo sem ocupar cargos eclesiais, essas mulheres lideram ações, organizam visitas, acompanham famílias e sustentam a espiritualidade da missão pastoral.

A Diocese de Serrinha se apresenta, nesse sentido, como um espaço onde a prática da fé se entrelaça com presença das mulheres em suas ações e contribuições na militância.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155–202. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/358593090/Historias-dentro-da-historia>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- ALMEIDA, Paulo Alexandre de Oliveira. **Estabelecimentos penais**. 2002. 52 f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/61647>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- ANJOS, Gabriele dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p. 509–534, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/PttNHkywzfhwGjb7LNrx5Cb/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- ARQUIDIOCESE DE MARIANA. **O que é pastoral**. Disponível em: [https://arqmariana.com.br/site\\_2019/noticia/1345/o-que-e-pastoral.html](https://arqmariana.com.br/site_2019/noticia/1345/o-que-e-pastoral.html). Acesso em: 1 jul. 2025.
- BAHIA. Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização. **Conjunto Penal de Serrinha**. 2023. Disponível em: <http://www.seap.ba.gov.br/pt-br/unidade/conjunto-penal-de-serrinha>. Acesso em: 01 jan. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU\\_Pierre\\_A\\_domina%C3%A7%C3%A3o\\_masculina.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU_Pierre_A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf). Acesso em: 01 jul. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984**. Institui a Lei de Execução Penal. Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm). Acesso em: 01 jul. 2025.
- CATEQUISAR. **O que são Foranias? Vicariatos? Dioceses? Você sabe?**. Disponível em: <https://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>. Acesso em: 18 fev. 2020.
- CLÉOFAS. **O que é uma diocese?** Disponível em: <https://cleofas.com.br/o-que-e-uma-diocese>. Acesso em: 5 fev. 2020.
- CNBB – REGIONAL NORDESTE 3. **Quem somos**. Disponível em: <https://cnbbne3.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 16 fev. 2020.
- COLA COM DEUS. **Diocese x Arquidiocese**. YouTube, 26 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6j1yu2pj3p8>. Acesso em: 15 Jan. 2020.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Apostolicam Actuositatem: Decreto sobre o apostolado dos leigos**. 18 nov. 1965. Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html). Acesso em: 5 jul. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. **Christus Dominus: Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja**. 28 out. 1965. Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_christus-dominus\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html). Acesso em: 15 fev. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen Gentium: Constituição dogmática sobre a Igreja**. 21 nov. 1964. Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_en.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_en.html). Acesso em: 25 jun. 2025.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Documento 105: Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. Disponível em:

[https://pt.slideshare.net/slideshow/documento-105-cnbb/78435820?utm\\_source=chatgpt.com](https://pt.slideshare.net/slideshow/documento-105-cnbb/78435820?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 5 jun. 2025.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Documento de Aparecida: conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília, DF: CNBB, 2007. p. 13–31. Disponível em:

<http://www.universidadesrenovadas.com/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

COSTA-CHICARELI, Semiramis; SILVA, Alessandro Soares da. A Pastoral Carcerária e a Luta por Justiça e Dignidade no Sistema Prisional Brasileiro. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 2, p. 162–194, 2017. [DOI: 10.11606/issn.2237-1095.v7p162-194](https://doi.org/10.11606/issn.2237-1095.v7p162-194). Disponível em:

<https://revistas.usp.br/rqpp/article/view/174584>. Acesso em: 6 jul. 2025.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. spe, p. 202–219, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-98932010000500010>. Acesso em: 15 dez. 2024.

FERNANDES, Etelvina Rebouças. **Etelvina Rebouças Fernandes** | Escavador. [S. l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2108866/etelvina-reboucas-fernandes>. Acesso em: 30 jun. 2025.

FIORINZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher: Capítulo 3 – Para um modelo feminista de reconstrução histórica**. 1983. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/667178581/FIORINZA-Elisabeth-Schussler-As-Origens-cristas-a-partir-da-mulher-Cap-3-PARA-UM-MODELO-FEMINISTA-DE-RECONSTRUCAO-HISTORICA>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FRANCO, Tasso Paes. **Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do Sertão da Bahia**. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996.

GOOGLE MAPS. **Mapa do município de Serrinha – Bahia**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em: 19 mar. 2025.

GUARIZA, Nadia Maria. O movimento leigo na Igreja Católica no decorrer do século XX. **História Unisinos**, v. 12, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5798/579866836004.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 122, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1679-4842.2009v12n1p122>. Acesso em: 5 jul. 2025.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 5–22, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-4014.2020.3498.002>. Acesso em: 5 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Serrinha (BA) | Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/serrinha.html>. Acesso em: 30 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades@ | Bahia | Serrinha | Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/serrinha/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.

JESUS, Maria Eliane Lima de. **Serrinha na rota dos caminhos de ferro do sertão: memórias da ferrovia em Serrinha – BA (1943–1982)**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2018. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/8414>. Acesso em: 5 jul. 2025.

LIMA, Flávio de Oliveira; OLIVEIRA, Karla Maciel (orgs.). **Pe. Nicasio Fernandez Pozuelo: o profeta das comunidades. Livro I – Série Serrinha em outras palavras**. Feira de Santana, BA: Printmídia, 2011. 200 p.: il.

OLIVEIRA, José Carlos de. **O que é pastoral?**. 27 fev. 2018. Disponível em: <https://josecarlosdeoliveira.com.br/blog/publicacao/2300291/o-que-pastoral>. Acesso em: 10 maio 2024.

PASTORAL CARCERÁRIA. **A Pastoral Carcerária**. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), [s.d.]. Disponível em: <https://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PREFEITURA DE IRARÁ. **Histórico**. Disponível em: <https://irara.ba.gov.br/historico/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 294–304, abr. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000100016&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100016&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 5 jul. 2025. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100016>.

Saiba o que é Pastoral, movimento e grupo. Gravado por José Carlos Ferreira da Silva. [s.l.:s.n.]. 02 fev. 2021. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal Jose Carlos Ferreira da Silva. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UcoW04UPFLU>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, Bartolomeu Ferreira da. **O papel da Pastoral Carcerária, como órgão de monitoramento externo, na prevenção à tortura nos presídios da Paraíba**. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em:

<http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/4357>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da História na construção das relações de gênero. **Revista Artemis**, v. 8, p. 110–118, 2008. Disponível em:

[http://www.pibid.ufpr.br/pibid\\_new/uploads/edfisica2011/arquivo/87/joan\\_scott.pdf](http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/edfisica2011/arquivo/87/joan_scott.pdf). Acesso em: 10 jun. 2025.